



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

EMERSON DAVID DE LIMA ANDRADE

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**PRECONCEITO LITERÁRIO: A RECEPÇÃO DOS LIVROS BEST-
SELLERS E CLÁSSICOS PARA OS NOVOS LEITORES**

JOÃO PESSOA – PB

2016

EMERSON DAVID DE LIMA ANDRADE

PRECONCEITO LITERÁRIO: A RECEPÇÃO DOS LIVROS BEST-SELLERS E CLÁSSICOS PARA OS NOVOS LEITORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento das exigências legais para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Daniela Maria Segabinazi

JOÃO PESSOA – PB

2016

Aos meus pais por sempre incentivarem o leitor em mim, fazendo-o conhecer os mais incríveis mundos mágicos ou se emocionar com as histórias mais tocantes e reflexivas.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, força e determinação de tentar alcançar sonhos que eu julguei tão impossíveis em certos momentos.

À minha mãe, Cláudia, que me aguentou e me aguenta ainda, ao longo desses curtos anos de vida. Pelas noites não dormidas enquanto sempre cuidava de mim.

A meu pai, Antonio, que foi o primeiro a acreditar no meu potencial em escrita e meu amor por leitura. Mesmo não sabendo ler, sempre acreditou que o conhecimento e os livros são capazes de mudar e fortalecer o homem.

Aos meus amigos que acreditaram no tema desse TCC. Obrigado a todos que colaboraram tanto na minha pesquisa e na minha vida. Vocês são realmente incríveis.

A minha orientadora, Daniela Segabinazi, que mudou não só minha visão de vê a literatura muito além dos rótulos, mas também me inspirou um pouco na maneira de como gostaria de ser se caso me tornasse um professor. Por mostrar que clássicos também são leituras divertidas. Pelos longos meses de trabalho duro, me ajudando nas mais inusitadas situações.

Aos meus leitores no blog Território Geek Nerd. Sem vocês essa pesquisa também não teria acontecido. Obrigado pela sinceridade. É a confiança de vocês que faz todo o trabalho e seriedade valer a pena.

Aos livros e autores, objetos e pessoas que fazem da minha vida mais completa.

Meus pensamentos são estrelas que não consigo arrumar em constelações
(John Green)

RESUMO

Os leitores, assim como outros grupos sociais, passam pela situação de sofrer preconceito por realizar leituras que nem sempre são convencionais e modelares para grupos que dominam a chamada cultura “erudita”. Ao mesmo tempo em que o mercado editorial investe cada vez mais nos best-seller, agradando esse novo público leitor do século XXI, outros acreditam que a qualidade das obras canônicas, perde-se, em meio a tanta repetição de conteúdo, banalidade e clichês. No presente trabalho propomos mostrar que esses livros, tão criticados e excluídos, são na realidade em sua grande parte, uma chave de entrada importante para leitores iniciantes e, por isso, abarcamos em nossa pesquisa questões relacionadas a formação leitora, a leitura na escola e na sociedade, bem como, discussões e análises decorrentes da pesquisa de campo realizada com internautas. Embasamos nossa pesquisa em autores como: ABREU (2006), CHARTIER (1999), MINDLIN (1999), CADEMARTORI (2009), CALVINO (1993), HALSEN (1999), LAJOLO (2001), MANGUEL (1997), MARTINS E SOUZA (2013), MORAIS (2012), PAULINO E COSSON (2014), FURTADO (2014), SEGABINAZI (2011) e SIERAKOWSKI (2012).

Palavras-Chave: preconceito literário; best-seller; clássicos; recepção; formação do leitor.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Lista de Mais Vendidos de Ficção de 2016 – Parcial do Site Publish News	17
Figura 2 – Conheça os Mais Vendidos da Folha.....	19
Figura 3 – Livros Mais Vendidos em Literatura Brasileira (nos últimos 30 dias).	32
Figura 4 – Muro de Escola no Paraná vira ‘estante de livros’ para incentivar alunos a ler.	52
Figura 5 – Rank Top 10 – Semana do dia 19 a 25 de Setembro 2016.	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sexo.....	50
Gráfico 2 – Idade.....	50
Gráfico 3 – Você tem algum hábito de acessar blogs/vlogs literários para conhecer lançamentos de livros? Se sim, com que frequência?.....	54
Gráfico 4 – O que você mais gosta de ler em um blog, ou ver em um vlog literário? 57	
Gráfico 5 – Alguma resenha/dica de livro em blog/vlog literários já te influenciou a comprar um livro?.....	58
Gráfico 6 – Você acredita que os blogs/vlogs literários são importantes para motivar a leitura no país?.....	59
Gráfico 7 – Você acredita que os blogs/vlogs literários são uma boa ferramenta para divulgar livro/autor?.....	64
Gráfico 8 – Qual sua média de livros lidos por ano?.....	65
Gráfico 9 – Você está lendo ou leu algum romance clássico este ano? Qual? Tem vontade de ler algum caso não tenha lido? E <i>best-seller</i> , já leu algum?	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. LEITURA LITERÁRIA NO SÉCULO XXI: EM BUSCA DE NOVOS PARADIGMAS	12
1.1 Literatura com L de ler.....	20
1.2 Cânone e <i>best-seller</i>	26
2. LITERATURA NA ESCOLA: POSSO LER BEST-SELLER PROFESSOR?	31
3. ESTAMOS LENDO LITERATURA: A VARIEDADE DE LIVROS E A OPINIÃO DESSES NOVOS LEITORES	47
3.1 O que discutimos até agora?.....	47
3.2 Objetivos e metodologia da pesquisa	47
3.3 De leitor para leitor: quero ler e nada mais	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
SITES CONSULTADOS	84
4. ANEXOS	86
4.1 Anexo 1.....	87
4.2 Anexo 2.....	88
4.3 Anexo 3.....	89
4.4 Anexo 4.....	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

Nas mais variadas esferas sociais circulam as incontáveis tradições e gostos pessoais. Vivendo na era digital esse apego pela preservação do tradicional está cada vez maior, em vista também de tentar combater e desbancar movimentos que incendiam a sociedade, desde as feministas que buscam igualdade para as mulheres oprimidas pelo machismo, aos negros e homossexuais, que batalham diariamente por respeito e aceitação. É evidente que esses preceitos arcaicos de algo estático, imutável, ainda dominam nosso cotidiano, quando sabemos ainda com mais certeza, que tais atitudes são absurdas, de maneira a chegarem a ser insustentáveis. A sociedade avançou em determinados pontos, mas em outros, o retrocesso é evidente. Quando guiamos tais apontamentos para o trabalho e ensino da literatura, tais preconceitos ainda predominam fortemente a mente dos leitores e as salas de aulas, tomadas pelas visões universais de que clássicos são bons e best-sellers são ruins. Dizem-se os “grandes professores conservadores” que o bom aluno/leitor deve saber diferenciar a literatura de boa qualidade, a literatura com L maiúsculo, da literatura boba, inferior, de l minúsculo. Mal sabem eles, infelizmente, as transformações que esses livros, tão estigmatizados, estão causando na sociedade e na vida de diversos jovens pelo país. Partindo do zero, são milhões de sites na internet que investem em comentar sobre livros mais lançados ou mais bem vendidos da atualidade. E esse público cresce mais a cada dia. A demanda tem sido tão grande que as próprias editoras estão iniciando novas estratégias de vendas, em busca de tentar abraçar todos, sem fazer distinção.

Em um mundo tão cheio de rótulos e esquemas de separação social, queremos debater um assunto que tem perturbado muito, principalmente as escolas e a Academia. Será que obras que causam tanto estímulo nos jovens para a leitura, como os casos de *Harry Potter* (2000) de J.K Rowling, *Percy Jackson* (2008) de Rick Riordan, *Crepúsculo* (2008) de Stephenie Meyer e *A Culpa é das Estrelas* (2013) de John Green são realmente tão ruins? Será que depois de tantos anos, presos em uma linhagem tradicional que não tem mostrado avanço, não seria o momento de tentar ter uma visão mais aberta do que se trabalhar em sala de aula? Ou de permitir que os alunos estudem também livros que gostem?

Neste trabalho buscamos verificar através de dados fornecidos por uma pesquisa realizada com leitores online, se os best-sellers, livros tão hostilizados pelos professores conservadores, são realmente tão ruins quando comparados aos clássicos, e se a leitura deles acaba, não estimulando o leitor a pensar com mais polidez e crítica. Baseando-se nas palavras de teóricos como Márcia Abreu (2006), Italo Calvino (1993), Marisa Lajolo (2001), Alberto Manguel (1997), Rildo Cosson (2014), e na dissertação de mestrado de Ana Paula de Castro Sierakowski (2012), buscaremos demonstrar que tanto uma, quanto a outra literatura podem conviver perfeitamente no gosto pessoal do leitor, frisando e também trazendo através de exemplos, a importância que o surgimento dos leitores de best-sellers e os novos críticos da internet tem quando o assunto é incentivar a leitura. Neste trabalho não queremos defender uma literatura e oprimir a outra, mas sim sugerir que ambas se tornem presentes na vida dos brasileiros, sem que as pessoas sejam menosprezadas pelo seu gosto pessoal por livros.

Assim, para realizar a discussão aqui proposta, este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo busca trazer o embate entre o canônico e as massas, apresentando os conceitos utilizados para definir os clássicos e os *best-sellers*, tendo como aporte teórico autores como Márcia Abreu (2006), Italo Calvino (1993), Marisa Lajolo (2001), Alberto Manguel (1997), Rildo Cosson (2014) e na dissertação de mestrado de Ana Paula de Castro Sierakowski (2012); no segundo capítulo iremos contextualizar essas duas literaturas dentro do ambiente escolar, sugerindo que os professores estejam abertos para trabalhar em suas aulas com ambas, trazendo sugestões de obras de massas que podem ser exploradas nas aulas; nesse sentido, nosso apoio para as discussões realizadas foram para criar uma interação entre os dois tipos de leituras, para que não só as obras estabelecidas tenham vez na classe, mas também as leituras mais cotidianas que os alunos costumam fazer. O terceiro capítulo, por fim, trará os resultados e a análise final dos dados coletados na pesquisa de campo, retomando e avaliando nossos objetivos através de depoimentos colhido na internet.

1. LEITURA LITERÁRIA NO SÉCULO XXI: EM BUSCA DE NOVOS PARADIGMAS

Em meio a tantos preconceitos existentes na sociedade, em meio a tantos problemas voltados a diversas esferas sociais, eis um que tem se ressaltado cada vez mais no ambiente escolar e/ou fora dele: o preconceito literário. Com o crescimento ‘considerável’ de leitores de *best-seller* pelo país, surgem as divergências e críticas sobre esta leitura, consideradas como uma ‘mera perda de tempo ou desperdício de capacidade cognitiva’.

A literatura tão disseminada no século XXI, momento histórico onde as pessoas se dizem mais abertas às novidades, respeitando as diferenças, pregando a aceitação do próximo, é o verdadeiro atrativo não só para as crianças e adolescentes, como também para muito adultos; que vivendo nesta realidade, quando defrontados dentro de uma academia ou em grupos considerados mais *cults*, acabam abalando-se e se questionando: será que eu realmente li algo até hoje? Será que estes livros que li, compartilhei e continuo lendo são realmente bons ou servem para alguma coisa?

Esta não é uma discussão que começou hoje, ao contrário, pela retomada histórica, ela já existe há muito tempo, sempre debatendo o cânone como ‘Perfeito’ e os *best-sellers* como ‘Imperfeitos’¹.

Este preconceito já foi sofrido por figuras que são de extrema importância na cultura de nosso país, dentre eles, Machado de Assis, que não foi considerado clássico em seu tempo e sim vulgarizado, antes de atingir a fama. Shakespeare é outra figura que foi estereotipada por escrever peças no gênero dramático; como bem coloca Lajolo, em sua obra *Literatura: Leitores & Leitura*:

Saiba, por exemplo, que um professor de literatura inglesa contemporâneo de Shakespeare (1564-1616) ficaria espantado se lhe dissessem que Shakespeare era literatura.

– Impossible! Never! Aquele sujeitinho que escreve peças cheias de bêbados e desordeiros, e que é aplaudido por plateias fedidas e barulhentas?

Alguém hoje duvida que Shakespeare seja literatura com ele maiúsculo e tudo? Aprenda então o vivíssimo leitor que ser ou não ser literatura é assunto que se altera ao longo do tempo e desperta paixões! (LAJOLO, 2001, p. 13).

¹ E friso as letras maiúsculas utilizadas para qualificar e diferenciar as duas literaturas.

O fato visível então é questionar: como saber o que é literatura com **I** minúsculo e **L** maiúsculo, e quando lê-la? Existe realmente esta divisão? Acreditamos que não, já que se leva em conta a experiência pessoal que cada leitor tem com determinada obra, seu contato com o autor através da narrativa, o momento da leitura, seu envolvimento com o enredo e os personagens e até mesmo o formato desse livro (físico ou digital), podem influenciar a visão final de tudo. Tendo isso em mente, esse leitor não deve ser menos qualificado, ou menosprezado quando for avaliar um *best-seller* criticamente. Será que de fato todo best-seller é sem qualidade? É evidente que o ato de ler é puramente individual. O que é bom para mim, pode não ser bom para o outro e vice versa. Em um país cheio de contradições como o nosso, em que a leitura é ainda um problema, ou seja, temos poucos leitores porque desde as origens do país, da raiz brasileira, o ato de comprar um livro para ler é quase inexistente, a distinção fica mais difícil e a cultura literária se mostra, cada vez, menos avançada. Somado a tudo isso, a atribuição do preconceito que menospreza a leitura de alguns tipos de livros.

Em uma pesquisa realizada em 2015, pelo Jornal Globo², temos os números de que 70% dos brasileiros não haviam lido no ano anterior. A estimativa de leitura no país é de 4 livros por pessoa em um ano. Na visão social, estas estimativas são baixas, comparadas a outros países, mas o que não se leva em conta, quando geralmente faz-se essa comparação, é com quais países comparar o Brasil. Geralmente os Estados Unidos é o primeiro da lista. Isso se deve não só por boa parte da literatura vendida no Brasil atualmente partir de lá, como também pela influência que sofremos da cultura norte-americana. Um aspecto importante nestas comparações, para distinguir um do outro, é justamente o desenvolvimento econômico, o Brasil é um país de terceiro mundo, já os Estados Unidos, de primeiro. Obviamente o investimento e as campanhas de leitura tanto na escola quanto fora dela, neste país, são muito mais fortes do que aqui. Além disso, tem todo o contexto social e cultural, pois não é da raiz brasileira ler, independente, do que se leia.

Apesar disso, o que é discutível e questionável é o fato de que, reclama-se de um país em que não se lê, mas quando uma minoria procura a leitura de algo é estigmatizada porque não lê o que a elite ou os grandes críticos literários ou, ainda, a academia, dizem ser boas leituras. Sobre isso Lajolo afirma que:

² Pesquisa disponível no site <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/04/70-dos-brasileiros-nao-leram-em-2014-diz-pesquisa-da-fecomercio-rj.html> Acesso em: 02/04/2016

Para que um texto seja considerado literatura (e aqui aqueles rabugentos talvez gostassem de uma inicial maiúscula: Literatura...) é preciso algo mais do que interação entre seu autor e seus leitores. A literatura tem de ser proclamada e só os canais competentes podem proclamar um texto ou um livro como literatura.

Quem são estes canais?

Boa pergunta: quem são?

Canais competentes são as instâncias – instituições, eventos, publicações, titulações – às quais cumpre apontar e atestar a literariedade dos textos em circulação. Cabe aos canais competentes – espécie de cartório que reconhece e autentica as firmas – estabelecer e afiançar o valor ou a natureza artística e literária de uma obra.

Para que uma obra seja considerada parte integrante da tradição literária de uma dada comunidade ou tradição cultural, é necessário que ela tenha o endosso dos canais competentes aos quais compete a literarização de certos textos, isto é, a proclamação de um texto como literatura ou não literatura.

E quem são estes setores especializados?

São poucos, ou muitos, mas sempre os mesmo que, como ensina a música de Caetano Veloso, Narciso acha feio o que não é espelho. Setores especializados responsáveis pela literarização maior ou menor de um ou outro texto são os intelectuais, os professores, a crítica, o merchandising de editoras de prestígio, os cursos de letras, os júris de concursos literários, os organizadores de programas escolares e de leituras para vestibular, as listas de obras mais vendidas [...] (LAJOLO, 2001, p.18-19).

Vê-se com clareza que as leituras não são selecionadas pela população média baixa do país, ou muito menos voltada para elas, afinal, se um analfabeto, que está começando a aprender, iniciar suas leituras por livros ou autores que a escola indica, a exemplo, Machado de Assis, ele provavelmente não conseguirá prosseguir na leitura, não só pela densidade das obras, como pela linguagem. O mesmo vale para um adolescente, que ainda em processo de formação, tanto intelectual, quanto identitário sofre para compreender a escrita arcaica dos livros. Desta forma, os *best-sellers* entram como mediadores, melhores soluções. Além de se voltarem para a atualidade, tratando geralmente de temas que estão presentes na vivência deste adolescente (e isso já gera certa identificação com as obras; e não que alguns clássicos não tratem desses temas atuais, mas entra em jogo a questão da linguagem novamente), temos ainda, uma linguagem mais simples e sendo um livro mais acessível economicamente, já que os *best-seller* geralmente estão em promoções por 10, 5, e até 2,00 R\$ em sites especializados em vendas como o *Submarino* ou a *Amazon*.

Outro ponto que podemos observar nas leituras desses *best-sellers* é a referência que alguns geralmente fazem a clássicos literários, o que provavelmente, pode atizar a curiosidade do leitor. No caso do livro *Crepúsculo* (2008), temos os clássicos *O Morro*

dos Ventos Uivantes e *Romeu e Julieta* sendo referenciados intertextualmente. A visão que temos é que os leitores que iniciam com os *best-sellers*, podem futuramente começar a diferenciar suas leituras, saindo dos romances mais vendidos e lendo autores como Guimarães Rosa, Clarice Lispector e outros cânones consagrados da literatura que podem ou geralmente são referenciados nessas obras.

E é justamente nessa situação, da inclusão/divisão em grupos, separar os leitores de *Crepúsculo* dos leitores de Machado de Assis, que o preconceito nasce e a distinção entre clássico e *best-seller* acaba por se propagar ainda mais. O certo seria incluí-los como leituras, tanto clássico quanto *best-sellers*, sem distinção, para que esta linha que os separa, não fosse tão vívida e com tanta importância. Afinal, os clássicos de hoje, foram os *best-sellers* de ontem. José Mindlin, na obra organizada por Abreu, *Coleção História de Leitura – Leitura, História e História da Leitura*, tem uma declaração interessante sobre isto:

Quando eu assumi a Secretaria da Cultura, em 1975, um repórter me perguntou o que eu pretendia fazer e o que eu estava lendo. Eu disse que pretendia seguir o modelo de Mário de Andrade e que estava lendo *Os três mosqueteiros* e ele ficou escandalizado. Imagine, um Secretário de Cultura lendo subliteratura... Na realidade não é subliteratura, é uma leitura admirável. É importante ter liberdade de escolha, não se ater a preconceitos. (MINDLIN, 1999, p. 111).

O mesmo preconceito exemplificado por Mindlin, lá em 1975, ainda se aplica a realidade de hoje em dia. Ana Paula de Castro Sierakowski (2012), em sua dissertação de mestrado, tratou justamente sobre a formação do leitor a partir da literatura de massa, centralizando *Crepúsculo*, da autora norte americana Stephanie Meyer, como seu corpus. Sierakowski declara:

Até mesmo essa pesquisa: sempre que alguém me pergunta o que estudo e digo *Crepúsculo*, a pessoa torce o nariz ou prontamente pergunta “Mas você está relacionando a saga com alguma outra coisa?” (esse ‘outra coisa’, subentende-se ‘o cânone’). Quando digo, resumidamente, que é pra ver a influência que a literatura de massa exerce na formação do leitor a pessoa se convence. Se fosse um estudo apenas da literatura de massa por ela mesma, muitos acham que a pesquisa não se sustentaria. Recebi e recebo – claro que por parte, em sua maioria, de pessoas da área das Letras – preconceito e muitos narizes torcidos por pesquisar literatura de massa. Muitas vezes, eu mesma entrei em conflito por causa disso, eu sentia a necessidade de me justificar a todos que me perguntavam o tema da minha dissertação. Isso é o que acredito que devemos repensar. Queremos constranger o público leitor de literatura de massa pelas leituras que eles fazem? (SIERAKOWSKI, 2012, p. 42).

E essa lógica ainda não mudou. Em pleno 2016, esses ‘torceres de narizes’ continuam firmemente na sociedade. Por isso, no Brasil, ainda se prega a caótica ideia de que ‘o brasileiro não lê’. Mas a ‘subliteratura’, que Mindlin cita, *Os Três Mosqueteiros*, não é por nós conhecido como um clássico? Vejam só que reviravolta. A literatura que antes foi menosprezada pela imprensa quando Mindlin assumiu sua leitura, hoje é referência de marco histórico, literário e cultural. O mesmo será que não valeria para uma história como *Crepúsculo*? Leitura despreziosa à primeira vista, mas se bem aprofundada, pode levar a uma intertextualidade interessante para ser explorada e, principalmente, se consideradas as leituras que a protagonista faz, pois como já dito, em sua grande parte são baseadas em clássicos norte-americanos, entre eles *Romeu e Julieta*, célebre trama que deu inspiração a central da saga de Meyer ou, então, *O Morro dos Ventos Uivantes*, drama escrito pela autora Emily Brontë. O *best-sellers* em si, propaga essa leitura canônica de alguma forma e não vemos como uma maneira de alienar ou prender o leitor. Afinal, alienação também pode acontecer pelo clássico, não? Halsen, em seu capítulo no livro de Abreu, bem coloca:

Da mesma maneira, os discursos que hoje lemos como literatura, segundo critérios de autoria, autonomia estética, originalidade, unidade e coesão estilística, não eram literários nem necessariamente legíveis. (HALSEN, 1999, p. 170).

Desta forma, ressalta-se a ideia de que a escolha do que ler não tem que partir apenas de terceiros, mas também do leitor. Abreu ainda irá colocar:

A discrepância entre as preferências do público e os modelos de leitura, difundidos pela escola e pelos homens eruditos, podem ter contribuído para a difusão da idéia [*sic*] de que os brasileiros não se interessavam pela leitura. Se havia algum desinteresse, ele era dirigido para um tipo peculiar de texto e não para o conjunto das obras de belas letras. Esta mesma discrepância indica a necessidade de que se repensem algumas idéias [*sic*], assentes sobre a repercussão inicial de obras hoje consideradas canônicas e levanta suspeitas interessantes sobre a relevância de obras atualmente tidas como “menores” para a circulação de idéias [*sic*] e para a produção literária entre fins do século XVIII e início do XIX. (ABREU, 1999, p. 233).

E, ainda, se colocado em cheque às listas de mais vendidos ou mais lidos, então os dados sobre a uma sociedade que não lê (diga-se, não lê exatamente nada), ficam sem

nexo. O site Publish News³ apresenta *rankings* de venda durante o decorrer de todo o ano. Em abril de 2016, esta era a lista dos mais vendidos:

Fig. 1 – Lista de Mais Vendidos de Ficção de 2016 - Parcial do site Publish News

1		Como eu era antes de você Jojo Moyes Intrínseca	95.692
2		Depois de você Jojo Moyes Intrínseca	60.629
3		Grey E. L. James Intrínseca	51.982
4		Toda luz que não podemos ver Anthony Doerr Intrínseca	17.440
5		A garota no trem Paula Hawkins Record	16.167
6		Todo seu Sylvia Day Paralela	12.293
7		Guerra civil Stuart Moore Novo Século	10.785
8		Um beijo inesquecível Julia Quinn Arqueiro	8.877
9		A revolução dos bichos George Orwell Companhia das Letras	8.614
10		Orfanato da Srta. Peregrine para crianças peculiares Ransom Riggs LeYa	7.507

Fonte: <http://www.publishnews.com.br/>

³ A lista está disponível no site <http://www.publishnews.com.br/ranking/anual/9/2016/0/0> e foi acessada no dia 02 de abril de 2016. Dessa maneira, os dados podem sofrer alterações semanalmente/mensalmente/anualmente, podendo variar as posições ou obras na lista de acordo com sua venda.

Veja que todas as obras são consideradas best-seller, “literatura sem qualidade”, e mesmo assim, são muito consumidas. Seria isto apenas alienação da mídia ou das propagandas editoriais? Não poderia ser que estes números basearem-se em uma exemplificação de que o interesse dos leitores está aumentando pela leitura? Logicamente que os já citados grupos escolares ou então as adaptações fílmicas influenciam nas vendas de tais livros. Bons exemplos desta lista são *Orfanato da Srta. Peregrine para Crianças Peculiares* ou *Como eu Era Antes de Você*, obras que ganham adaptações para o cinema neste mesmo ano. Mas essa influência que o meio cinematográfico causa, despertando o gosto pela leitura de tais obras, é realmente tão negativo? Não a consideramos assim, podemos encarar essa influência como uma espécie de campanha a leitura. A adaptação gera a curiosidade desse telespectador, de conhecer o produto original e isso garante um aumento, ou pelo menos, uma motivação para ler a obra.

Outro destaque é adaptação de HQ para romance, no caso do livro *Guerra Civil*, sétima posição de mais vendido. Se o mercado que todos dizem não ter tanto lucro devido ao país não possuir leitores, como então continua-se investindo nele com tanta ‘vivacidade’? Será que todos os livros acima são considerados sem qualidade? E o público deles, sem condições de expressar um pensamento crítico? Claramente isto vai depender da visão do leitor. Como bem argumenta Mindlin:

Sempre defendi a tese de que o livro foi feito para a gente, não a gente para o livro. Não existem regras rígidas que possam ser estabelecidas e, menos ainda, obedecidas, indicando o que deve e o que não deve ser lido. É uma questão de gosto e de interesse pessoal: o mundo da leitura deve ser um mundo de liberdade intelectual. Eu não tenho a menor hesitação em pegar um livro de Agatha Christie depois de ter lido uma peça de Shakespeare. O contraste existe, mas não é pecado, nem sequer pecado venial.” – (MINDLIN, 1999, p. 104).

Vamos à outra lista, com números relevantes. A lista de mais vendido feita pelo jornal Folha de São Paulo⁴, considerado uma leitura do público ‘elitizado’ do estado, separa entre os cinco mais vendidos, em abril de 2016, as seguintes obras:

Fig. 2 – Conheça os Mais Vendidos da Livraria Folha

⁴ A lista pode ser acessada pelo site <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/06/1638996-conheca-os-livros-mais-vendidos-na-livraria-da-folha.shtml>. Assim como a do site publishnews, esses dados também foram colhidos no dia 02 de abril, e podem sofrer alterações semanalmente/mensalmente/anualmente, podendo variar as posições ou obras na lista de acordo com sua venda.

Ficção

- 1- "O Seminarista"
- 2- "Submissão"
- 3- "A Revolução dos Bichos"
- 4- "Admirável Mundo Novo"
- 5- "Os Homens que Não Amavam as Mulheres"

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/>

Desta vez vemos a menção à um clássico literário *Admirável Mundo Novo*, do autor Aldous Huxley, célebre iniciador da ficção científica e distópica. Este mesmo romance aparece ao lado de outro livro, considerado *best-seller*, *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*, do autor Stieg Larsson. Entretanto, este *best-seller* tem um status melhor na visão crítica da elite intelectual, por isso, não é menosprezado nesta lista.

O que está em evidência entre as duas lista é a distinção mais ‘*culta*’ da segunda, levando-se em consideração o público que a Livraria do Jornal Folha quer atender, mas quando se acessa o site, há informações não só de obras clássicas, mas de literatura de massa também. Além disso, o jornal separa uma coluna que identifica os livros mais vendidos; então, como contrapor que a sociedade brasileira lê obras com este ‘*calibre*’, como dizem os grandes críticos literários, e mesmo assim ainda taxá-la como não leitora? Será que essa visão de país leitor que a mídia prega não quer simplesmente dizer que todos precisam ler? Necessariamente é obrigatório que todo um país leia para que se tenham leitores?

Além disto, não é incomum localizar um leitor de *best-seller* que tenha identificação por alguma das obras acima. Pelo contrário, os grandes amantes de literatura de ficção científica, geralmente, já conhecem o clássico citado acima. Desta forma, como bem coloca Abreu:

Apresentar estas listas não tem por objetivo demonstrar sua ignorância ou fazer que você se sinta mal e comece a ler compulsivamente. Ao contrário, o objetivo é mostrar como não há consenso quando se trata de gosto e, especialmente, de gosto literário. Aqueles que elegeram Monteiro Lobato, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Cecília Meireles e Rachel de Queiroz devem ter ficado frustrados com o resultado da seleção feita pela Folha de S. Paulo, assim como os que acreditam que Mário de Andrade, Lima Barreto e Oswald de Andrade escreveram alguns dos melhores romances do século podem ter pensado que há algo de errado na lista de IstoÉ. Ou seja, alterando o júri, modifica-se também a lista de vencedores. Isto é decisivo e deixa claro que o ranking apresentado como “os melhores”, na verdade, indica os melhores para algumas pessoas. (ABREU, 2006, p. 15/16).

A visão que se diz, pelas ‘más línguas’, atualmente é a seguinte: a proliferação dos *best-seller* tem sido absurda. O mercado editorial, visando lucro (como qualquer outro mercado capitalista) tem investido cada vez mais neste tipo de leitura, e os jovens, fáceis de influenciar, se vão, não só pela opinião de amigos e conhecidos, ou através dos influenciadores da mídia, como também pelas incontáveis adaptações cinematográficas que estes livros têm ganhado. Os clássicos, por outro lado, estão cada vez mais esquecidos, apagados. Questiona-se então o seguinte: será que esta declaração é realmente verdade? Pelos dados apresentados acima entre os mais vendidos, é evidente que não.

Ainda, é possível ter uma tradição de leitura de clássicos e não defendemos apagá-la, mas tradições mudam. A sociedade mudou, e com ela o pensamento, a postura, a identidade deste leitor. E não que estes leitores, por lerem *best-seller*, estejam perdendo o senso crítico, mas sim pela facilidade com que estes livros chegam a suas mãos, tanto à fatores relacionados à linguagem e temas, como em questões sociais, como o desejo de se incluir em grupos, de ter o que falar ou simplesmente pelo fato de estar na mídia. Esse tipo de influência existe há muito tempo, é o caso da Academia de Letras, que seleciona o nosso cânone. De certa maneira, quando se impõe a leitura de clássicos em sala de aula ou fora dela, está se influenciando o leitor. E seria esta uma boa maneira de introduzir uma pessoa, que nunca leu ao universo da literatura? Na verdade, o que seria essa literatura? E o cânone? E o *best-seller*? Evidentemente são conceitos complexos, aos quais iremos debater a seguir.

1.1 Literatura com L de ler.

Depois dos apontamentos e questionamentos, se o Brasil é realmente um país sem leitores, nada mais plausível do que debater a questão sobre o termo literatura na sociedade atual; à rigor, este termo, vai selecionar ou descartar algo que seja ‘literário’, o que não é uma tarefa fácil. A palavra e as concepções decorrentes da mesma já sofreram diversas transformações com o decorrer dos séculos e até hoje ainda não temos uma noção e um posicionamento estável sobre o que ela realmente é ou o que compreende. Em uma definição mais generalizada e conhecida socialmente, literatura seria uma maneira de expressar a arte de escrever ou algo do gênero. Claramente esta visão não abrange nem metade da complexidade que o termo possui.

Além disso, assim como o próprio ato da leitura, a literatura passou pelas suas grandes evoluções e modificações de acordo com os ciclos sociais aos quais estava incluída. Imagine só como era vista a Literatura, com L maiúsculo, no século XVI? Com certeza era um termo apreciado pelos homens da lei, estudiosos, e nada se fala de mulheres ou crianças, que até algum tempo atrás nem conhecia a maravilhosa liberdade que a leitura proporciona. Agora imagine a grande revolução que aconteceu quando estes dois grupos, antes desprestigiados, foram inclusos neste mundo literário. Ou, então, as grandes modificações que sofreu a Literatura em si quando os materiais ou formas de adquirir ficaram muito mais acessíveis a todos? Essa inclusão de fornecer um livro para todos aconteceu há muito pouco tempo atrás, e por isso, tal transição ainda está acontecendo. As bibliotecas antigamente eram privadas, restritas à uma elite. Na era clássica, só lia quem era de um conhecimento intelectual avançado ou, então, os mais ricos e influentes, que se vangloriavam sobre as classes mais pobres pelo poder que possuíam (e isso, ainda, também está presente na nossa atualidade, infelizmente).

Não esqueçamos também da visão religiosa em grandes momentos históricos. A igreja queria catequizar as pessoas e, desta forma, saber ler ou ensinar-lhes o prazer da leitura, era desnecessário. Não se queriam pessoas criticamente preparadas para um debate, mas sim fiéis, que seguiriam as palavras do clero ou da monarquia a todo custo, pelo simples fato de os considerar incapazes ou intelectualmente rebaixados. Chartier (1999) nos aponta um vislumbre da introdução desses novos públicos ao universo literário.

No século XIX, novas categorias de leitores (mulheres, crianças, trabalhadores) foram apresentadas à cultura impressa e, ao mesmo tempo, a industrialização da produção de impressos trouxe novos materiais e modelos para a leitura. As disciplinas educacionais, impostas em todo lugar, tenderam a definir uma norma única, controlada e codificada de leitura legítima, mas essa norma contrastava fortemente com a extrema diversidade de práticas e várias comunidades de leitores, tanto aqueles já bem familiarizados com a cultura escrita quanto os que tomaram contato recente com ela. Por detrás da aparência de uma cultura compartilhada, fruto da alfabetização quase universal disseminada pelas regiões mais desenvolvidas da Europa após os anos de 70 e 80 do século XIX, tanto dentro quanto fora das escolas, esconde-se uma diversidade extrema de práticas de leitura e de comércio de impressos. (CHARTIER, 1999, p. 26).

Vemos uma transparente influência da Revolução Industrial, ainda afetando diversos países. As classes mais baixas que não possuíam condições de adquirir as

leituras mais ‘*cultas*’, finalmente com a implantação do capitalismo, teriam acesso às obras, que, já mal vistas pela alta sociedade, julgavam-nas sem qualquer tipo de teor crítico. Existia a forte censura sobre o que as mulheres ou trabalhadores deveriam ler, distribuindo um modelo de adequação a todos e retirando a possibilidade de escolha. Uma boa definição de literatura para este momento era de algo voltado para as grandes artes ou os grandes nomes da sociedade. O que antes vimos como uma arte geral a todos, passa a se fixar em uma definição que descreve determinado grupo social.

Outra comprovação evidente era a banalidade com que esta ‘*outra*’ literatura era tratada. Desde os primórdios, os *best-sellers* são rebaixados socialmente, e a função de entreter um público sem voz para a burguesia, não facilitava para a quebra deste preconceito. Vamos pensar que o público maior deste tipo de leitura, na época, eram as mulheres, que não trabalhavam e passavam boa parte do dia trancada em casa, enquanto os maridos, cansados da longa jornada trabalhista, recolhiam-se cedo e sem ânimo para ler nada. Desta forma, a leitura e a literatura foram inclusas socialmente com um grande entre aspas, pois possuíam acesso, mas não conseguiam tempo para ler devido à jornada exaustiva no serviço. Ainda assim, a classe mais pobre era desprestigiada devido a não possuírem direitos que lhe permitissem descanso ou lazer para degustar da leitura.

No Brasil, assim como no mundo, o estabelecimento destas normas e tipos de escritos que deveriam ser lidos ou tidos como superiores já datavam desde a época colonial. O avanço sobre a leitura e a literatura em si, tanto no Brasil, quanto em Portugal, se deu de uma maneira semelhante (foca-se na influência que a burguesia portuguesa causava aos brasileiros), a diferença, talvez, seja a forma estacionada com que os estudos literários brasileiros atuais se apresentam devido à crença de manter-se preso a uma linhagem clássica. O que antes era tido como leitura imperdível ou sedutora para os padres, médicos, advogados ou a classe elitizada, não agradavam e, ainda, não agradam as massas, e isso se reflete ainda hoje. Diz-se que quando as massas andarem para um lado, deve-se andar para o outro. Essa generalização de que só as massas sofrem influência é uma evidência do emprego deste preconceito na sociedade atual.

Nessa complexidade existente, em um verdadeiro jogo de poder, o conceito de literatura não se fixa permanentemente nunca. Como coloca Lajolo:

O que é literatura? É uma pergunta complicada justamente porque tem várias respostas. E não se trata de respostas que vão se aproximando cada vez mais de uma grande verdade, da verdade-verdadeira. Cada tempo e, dentro de cada tempo, cada grupo social tem sua resposta,

sua definição. Respostas e definições – vê-se logo – para uso interno. (LAJOLO, 2001, p. 25).

Novamente reforça-se a ideia de que a experiência de leitura entre bom e ruim vão depender estreitamente da relação que o leitor, como indivíduo único, teve durante sua leitura de determinada obra. Da mesma forma se mostra a definição de literatura. Para determinado grupo social vê-se ela de uma maneira; já para outro, determinado conceito não se aplica. Vale salientar que essa multiplicidade de definições faz parte da própria complexidade do termo e de seu emprego social. Assim como a literatura, que tem direito a uma variedade de conceitos, sem deixar de ser grandiosa ou estabelecer certos e errados, na leitura, essa mesma lógica deveria se aplicar. Mas vivemos em um mundo que critica os diferentes, arruma formas de se mostrar superior e, ainda, silencia o pensamento crítico de outros. A globalização abriu portas para um lado positivo, mas trouxe também muitos rótulos que rodeiam toda a nossa vida. E os rótulos, para algumas pessoas, são tudo que realmente importa. Não se leva em conta nada mais, apenas a aparência ou o meio onde determinado livro circula. Seriam estes métodos adequados para se julgar uma obra? Só porque um livro é lido pelas massas quer dizer que ele precisa ser *best-seller*? Só porque a classe pobre gosta dessa literatura, ela não seria verdadeira ou autêntica? Já dizia Abreu:

Uma das definições freqüentes de Literatura (lembra do L maiúsculo?) afirma que ela é um meio de aprimoramento das pessoas.

Para quem adota esse ponto de vista, a literatura nos transforma em pessoas melhores, pois ao ler ficamos sabendo como é estar na pele de gente que leva uma vida muito diferente da nossa, passando por situações inusitadas. As obras literárias conduzem à identificação com personagens e cenas fazendo que, ao final da leitura, sejamos pessoas mais experientes, mais sensatas, mais justas. Como, em geral, os leitores são levados a se identificar com personagens fracos, sofredores ou perseguidos, a experiência da leitura literária nos torna mais humanos, desenvolvendo nossa solidariedade, nossa capacidade de admitir a existência de outros pontos de vista além do nosso, nosso discernimento acerca da realidade social e humana.

A definição de Literatura como conjunto de textos capazes de tornar as pessoas melhores, em geral, associa-se a uma crítica à cultura de massa, que, em vez de humanizar, alienaria, ao nos fazer esquecer dos problemas do cotidiano, fugindo deles por meio do sonho e da fantasia. Desse ponto de vista, os textos produzidos pela indústria cultural levam ao conformismo, colocando o leitor em contato com personagens idealizados envolvidos em situações irreais ou com falsos problemas que se resolvem magicamente. Saímos da leitura de um desses textos da mesma forma como entramos, pois eles não nos forçam a pensar, limitando-se a “re-afirmar” nossas crenças e a nos fazer acreditar na solução exterior dos problemas. Essas histórias são uma válvula de escape para as frustrações do dia-a-dia, levando o

leitor para um lugar onde todas as suas expectativas se cumprem sem que ele deva fazer nenhum esforço para isso.

Para quem vê assim, a literatura de massa – romances policiais, de aventura, sentimentais, faroeste, histórias em quadrinho, fotonovelas etc. – é fruto de uma combinação incessante dos mesmos lugares-comuns: personagens sem nenhuma densidade psicológica, situações previsíveis ordenadas de maneira já conhecida, repetição constante das mesmas fórmulas de estruturação do enredo, linguagem simples e sem nenhuma dificuldade aparente. Tudo isso com o objetivo de evitar que o leitor se questione e questione o mundo em que vive, sentindo prazer em “re-encontrar” o que é confortavelmente bem conhecido. (ABREU, 2006, p. 81/82).

Será que o escapismo da leitura está contido apenas nos best-seller? Livros que não fazem o leitor pensar? Vejamos um *best-seller* muito conhecido atualmente, *Jogos Vorazes* (2010), da autora Suzanne Collins. A heroína de sua história (e aqui já temos alvo de uma exploração crítica a fazer, porque diferente de alguns clássicos, o herói desta vez é uma mulher), desafia um sistema que se diverte às custas das massas mais carentes. Quando Katniss, protagonista da história, vai participar de uma nova edição dos temidos jogos vorazes, reality show que retrata uma guerra até a morte entre diferentes membros da sociedade (sempre adolescentes), ela acaba desafiando a Capital (foco lucrativo do mundo criado por Collins; outro aspecto que já faz alusão a mais um elemento para se analisar) quando nega-se matar seu companheiro durante seu último desafio. No fim, o jogo que deveria ter apenas uma vencedora, acaba ganhando dois, e isso gera uma reviravolta, porque as pessoas antes oprimidas, que viram a imprudência da garota contra o governo, sentem-se novamente fortes para revidar e desafiar o sistema, derrubando-o.

Um livro, que trás em sua essência, uma temática tão verdadeira e presente na nossa atualidade, não seria bom para ampliar a visão crítica destas pessoas? Seria isso só mais uma maneira de escapismo? Porque se pensamos que *Jogos Vorazes* é um escapismo, então a crítica social e humana guardada nas páginas do clássico *O Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, também é, afinal, o futuro ao qual ele retrata é fictício. Se partimos desta visão de que a fantasia arrasta o leitor para uma realidade desconstruída da nossa, então, diversos outros romances considerados clássicos entrariam nesta mesma definição a qual foi imposta a *Jogos Vorazes*. Não existe leitura de escapismos. Todas são leituras para se escapar de alguma coisa. Lê-se por prazer, e como bem coloca Manguel (1997, p.33) “Aprendi rapidamente que ler é cumulativo e avança em progressão geométrica: cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes”.

Essas ligações serão feitas através não só de bases de leitura que o leitor tem, mas sim de seu conhecimento de mundo, e não apenas porque ele leu clássicos. O que define conhecimento ou intelectualidade é a bagagem que já carregamos ou queremos carregar. Toda leitura é um ato prazeroso de escapismos ou pelo menos é isto que acreditamos. Ainda, diz Manguel:

Cada livro era um mundo em si mesmo e nele eu me refugiava. Embora eu me soubesse incapaz de inventar histórias como as que meus autores favoritos escreviam, achava que minhas opiniões frequentemente coincidiam com as deles. (MANGUEL, 1997, p. 25).

Não importa se é clássico ou best-seller. Literatura é um escapismo da realidade, e podemos tomar isso como uma definição, já que, ainda, segundo Manguel (1997, p. 21) “minha vida de leitor deu-me a mesma impressão de nadar contra a corrente, vivendo o que tinha lido”. Experienciamos aquilo que lemos e colocamos em prática. Se estas práticas serão para bem ou para o mal ou, então, se irão sequer ser utilizadas, dependerá estritamente do leitor e não do livro que foi lido.

Por isso, optamos por definir a literatura com as palavras de Abreu (2006, p. 109) onde, “cada grupo social e, principalmente, cada grupo cultural tem um conceito sobre o que seja literatura, e tem critérios de avaliação próprios para examinar histórias, poesias, encenações, músicas etc.” E, ainda, segundo Sierakowski:

Dessa forma, as dicotomias hierarquizadas Literatura/literatura; literatura canônica/literatura de massa; literatura erudita/literatura popular devem, a meu ver, ser repensadas na tentativa de remover essas linhas de demarcação que legitimam uma literatura e excluem outras, uma vez que, para o leitor comum, tais demarcações podem não ser um fator primordial, ou, em alguns casos, talvez nem existam. (SIERAKOWSKI, 2012, p. 42).

Clássicos e *best-seller*, literatura com L maiúsculo ou literatura com l minúsculo; cânone ou massas são apenas rótulos, inventados por uma sociedade preconceituosa que sempre buscou causar uma divisão de águas; rotular alguém de alguma forma, como se tudo fosse generalizado, universal.

1.2 Cânone e *best-seller*

A sociedade sempre buscou pautar comportamentos e culturas a partir de rótulos sociais e culturais, definindo e classificando tudo e todos. A literatura, como parte integrante desse mundo, não foi poupada. Estabeleceu-se logo o cânone ou a literatura

culta, voltada para os “*grandes*” intelectuais ou estudiosos, que conhecedores da “boa estética” ou grandiosos trabalhos, ditavam e, ainda, ditam o que é bom e o que não é. Mas afinal, o que seria considerado cânone? Na visão de Sierakowski:

Cânone deriva da palavra grega *kanon*, que significa ‘vara de medir’, e, para nós, funciona como uma sistematização de modelos nos campos das artes. No caso da literatura, é uma ‘lista’ de livros que são considerados os clássicos da literatura universal. (SIERAKOWSKI, 2012, p. 29).

Já, o *best-seller*, como o próprio termo já diz, é o ‘mais vendido’, respectivamente, voltando-se para os livros. O termo há muito tempo foi empregado para descrever os livros mais comprados ou bem mais aceitos pelas massas nos Estados Unidos. Hoje em dia, tornou-se universal e foi aderido pelos grandes mercados editoriais, que buscando mais venda, utilizam-se do termo para elevar o status da obra durante sua propaganda. Tais conceitos diferem, logicamente, um do outro. Na visão social, os *best-sellers* são intitulados assim porque não passam de livros que foram feitos especificamente para vender e lucrar, sem fornecer qualquer conteúdo ou ter um aprofundamento estilístico rico e diferencial, como acontece nos clássicos. Mas colocar os *best-sellers* como livros para vender, não acaba significando dizer que os livros clássicos não foram feitos para vender? Se foram feitos então, por puro gosto de escrever, porque para o leitor ter acesso a eles, precisa pagar? Se isso é verdade, porque então são vendidos? Porque é tão complicado ou impossível na visão dos grandes críticos literários aceitar que alguns *best-seller* merecem destaques pela originalidade e aprofundamento intelectual? Porque não dar voz à esse público que cresce cada dia mais?

Ainda vivemos em uma sociedade que sofre deste evidente preconceito, na sua maioria, causado pelos próprios leitores, que já ao se aventurarem no universo da literatura, criam essa separação. Os rótulos marcam as pessoas, já diferenciando um leitor de Machado de um leitor de um autor de *best-seller* qualquer, a exemplo, John Green. O autor ficou conhecido em 2014, quando seu livro *A Culpa é das Estrelas* (2013) foi publicado no Brasil e bateu recordes de vendas. Abordando a vida nada fácil de uma adolescente com câncer, é um livro rotulado como leitura de entretenimento, sem grandes contribuições intelectuais, o que, convenhamos, não mede boa parte de assuntos que poderiam ser abordados em um estudo mais aprofundado. Embora o livro seja voltado para o público adolescente, ele está em constante diálogo com grandes

obras literárias, já que a protagonista é leitora e gosta de clássicos, citando sempre, *O Diário de Anne Frank*. Além disso, aborda uma temática interessante quando trás dois adolescentes vivendo uma experiência complicada, sempre refletindo sobre a figura da morte, o que ela pode ou deve representar, e também, por quais méritos você gostaria de ser lembrado. Esse tipo de discussão é apenas entretenimento? Algo que foca em um debate já discutido na filosofia, como o encontro com eu, ou a completude do eu, pode ser tomado como superficial? Estabeleceu-se que é *best-seller* porque foi consumido pelas massas, virou uma moda entre os adolescentes e ficou mal visto entre os grandes críticos literários, que ainda, na hora de julgar um livro, se prendem aos modelos clássicos que já deveriam ter sido modificados há muito tempo. Abreu trás um apontamento interessante sobre essa questão estilística a ser julgada:

Ao tratar de literatura e de valor estético, estamos em terreno movediço e variável e não em terras firmes e estáveis. O que se considera literatura hoje não é o que se considerava no século XVIII; o que se considera uma história bem narrada em uma tribo africana não é o que se considera bem narrado em Paris; o enredo que emociona uma jovem de 15 anos não é o que traz lágrimas aos olhos de um professor de 60 anos; o que um crítico literário carioca identifica como um uso sofisticado de linguagem não é compreendido por um nordestino analfabeto. O problema é que o parisiense, o professor, o crítico literário, o homem maduro têm mais prestígio social que o africano iletrado, a jovem, o lavrador. Por isso conseguiram que seu modo de ler, sua apreciação estética, sua forma de se emocionar, seus textos preferidos fossem vistos como o único (ou o correto) modo de ler e de sentir [...] A avaliação estética e o gosto literário variam conforme a época, o grupo social, a formação cultural, fazendo que diferentes pessoas apreciem de modo distinto os romances, as poesias, as peças teatrais, os filmes. Muitos, entretanto, tomam algumas produções e algumas formas de lidar com elas como as únicas válidas. E aí reclamam porque o brasileiro não lê e não tem interesse pela cultura. Muita gente pensa assim e por isso são criadas organizações encarregadas de difundir o gosto pela leitura, são elaboradas propagandas divulgadas pelo rádio, pela televisão, em jornais, em outdoors e em revistas para estimular a leitura e o contato com livros. (ABREU, 2006, p. 58-59).

Ainda, seguindo o pensamento da autora:

Se tantas pessoas os compram e os lêem é porque julgam que são produções literárias de alto valor, ou porque se divertem e se emocionam ao lê-los. Entretanto, como você já deve saber, a opinião de professores e intelectuais sobre eles não é das melhores. Quando se trata dos melhores livros do século, os eruditos esforçam-se para lê-los e, sobretudo, para ter o que dizer sobre eles, pois isso é sinal de distinção e os coloca no topo da intelectualidade. Quando se trata de Bestsellers, ocorre justamente o inverso: dizem, galhardamente, que não leram e que, mesmo assim, não gostam. (ABREU, 2006, p. 18).

A citação acima nos faz pensar, com que méritos julga essa pessoa que nem ao menos se deu ao trabalho de ler a obra e já está considerando-a como ruim ou sem conteúdo? Como um crítico literário pode dizer que o livro é ruim se ele ao menos nem tentou conhecer? Na literatura brasileira, não se vê um apoio a escritores atuais, pelo contrário, em sua grande maioria, eles encontram maior aceitação fora do país. Não são estudados e, menos ainda, citados, razão de um grande déficit, em nossa opinião, nas cadeiras de literatura universitária, que mesmo trabalhando com literatura contemporânea, ainda trás apenas autores de nomes já consagrados, como Carlos Drummond ou Mário de Andrade, nomes esses também referenciados pela escola. O jovem autor brasileiro, que lançou um *best-seller*, vendeu bem e tem potencial não é aproveitado pela academia, até porque o cânone já estabeleceu quem são os autores que valem a pena aproveitar. Excluir um *best-seller* também apaga a oportunidade de um iniciante no mundo das letras.

Esse debate, colocando *best-seller versus* clássico existe nas mais variadas situações sociais e acadêmicas, e deve ser visto como algo bom, afinal, qualquer diálogo sadio é produtivo. O que não é aceitável é a ideia de universalizar a experiência literária de quatro ou cinco críticas, em comparação com a de uma que não aprovou, e que por esse motivo é julgado, etiquetado e ignorado.

Como já debatido neste trabalho, evidenciou-se que os clássicos que hoje conhecemos como nosso cânone, anteriormente já foram os *best-sellers*. Em um futuro, um pouco mais a frente de onde estamos, a mesma coisa pode ou deve acontecer. Seria justo classificá-los como sublitteratura? O que na realidade, precisamos, é maior liberdade para lermos àquilo que queremos, sem se importar com rótulos. A amplitude de sua maturidade como leitor vai se alongando devido a suas próprias experiências, sendo que em determinado momento, por si só, esse leitor já vai exigir leituras mais complexas. Como bem coloca Calvino, sobre a leitura dos clássicos:

Naturalmente isso ocorre quando um clássico "funciona" como tal, isto é, estabelece uma relação pessoal com quem o lê. Se a centelha não se dá, nada feito: os clássicos não são lidos por dever ou por respeito mas só por amor. Exceto na escola: a escola deve fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os "seus" clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola. (CALVINO, 1993, p.13).

Veja que o autor coloca o professor como mediador desse conhecimento e não como ditador. O que acontece diariamente em diversas escolas do país é que os professores de literatura impõe a leitura dos clássicos, negando as experiências de leituras dos jovens e restringindo sob imposição à uma única leitura. Obra alguma, quando lida por obrigação, como bem coloca Calvino, fornecerá a este leitor, uma boa experiência. Por isso reforçamos a ideia de que o aluno, o leitor, seja de *best-seller* ou de clássico, tem de ter sua voz e seu espaço respeitados, sem ser diminuído por suas escolhas. Quando se sentir confortável, ele irá ler outras obras. Assim como o desenvolvimento de seu corpo, que acontece gradativamente, sua seletividade para livros, também deve acontecer. Abreu (2006, p.111) já bem diz, “Não estou propondo que se abandone o estudo do texto literário canônico, e sim que se garanta espaço para a diversidade de textos e de leituras; que se garanta o espaço do outro”. Assim, esperamos expandir os horizontes e possibilitar que o aluno que gosta e lê *best-seller*, tenha sua vez em sala, em grupos sociais, dentro da academia, sem se sentir intimidado ou menor. De acordo com Abreu:

Talvez a “moral da história” devesse ser outra: a avaliação que se faz de uma obra depende de um conjunto de critérios e não unicamente da percepção da excelência do texto. Ler um livro não é apenas decifrar letra após letra, palavra após palavra. Ler um livro é cotejá-lo com nossas convicções sobre tendências literárias, sobre paradigmas estéticos e sobre valores culturais. É sentir o peso da posição do autor no campo literário (sua filiação intelectual, sua condição social e étnica, suas relações políticas etc.). É contrastá-lo com nossas idéias sobre ética, política e moral. É verificar o quanto ele se aproxima da imagem que fazemos do que seja literatura. Normalmente nenhum destes critérios é explicitado, uma vez que o discurso da maior parte da crítica é construído a partir da afirmação de uma imanente literariedade. Por isso, avaliações como as reunidas nessa antologia aparecem como “erros”, quando na verdade expressam o desacordo entre as expectativas do crítico e o trabalho realizado nas obras. É uma ingenuidade acreditar que críticos e intelectuais, por sua sólida formação, deveriam estar aptos a perceber a literariedade de um texto, considerando apenas suas características formais e de elaboração. Entretanto, é essa crença que explica o espanto causado pelo fato de intelectuais de renome terem considerado não literárias ou mal realizadas obras hoje consagradas, fazendo com que Rotten Reviews & Rejections fosse um sucesso, vendendo 700 mil cópias nos Estados Unidos em menos de um ano. Ou talvez nesse volume de vendas haja uma pitada de vingança do leitor comum (aquele que vive levando puxões de orelha por não ter lido corretamente ou por não ter apreciado devidamente os grandes autores consagrados) contra os leitores especializados (aqueles que desferem os puxões de orelha). Ou dos candidatos a escritor que levam ainda maiores puxões de orelha. Depois de lê-lo, os escritores e leitores comuns devem ter se sentido em boa companhia. (ABREU, 2006, p. 98-99).

Ao invés de pregação para que se leia apenas ‘literatura de conteúdo’, devia-se sugerir apenas LER; uma atividade simples, que de toda maneira, independe da grandiosidade do livro ou do autor, engrandece pessoalmente o ser.

2. LITERATURA NA ESCOLA: POSSO LER *BEST-SELLER* PROFESSOR?

O cotidiano em escolas de ensino regular está cada vez mais difícil na atualidade. São diversos fatores que não favorecem a qualidade do ensino a ser ofertado aos alunos, crianças e jovens, formados sobre a visão e um pensamento totalmente diverso aos que a escola, ainda, prega. O ensino de literatura não escapa desse universo. Nesse sentido, também são variados os aspectos que implicam em um ensino desqualificado de literatura, quando não inexistente no currículo oculto da escola, cedendo espaço para a pura e ‘*mágica*’ gramática, que segundo as crenças de milhares de professores é a maneira mais viável de ensinar ao aluno a ler e a escrever. Em vista, disso, os próprios alunos, saem em busca de novidades. Hoje em dia, já é gigantesca a protuberância de trabalhos, canais no youtube⁵ ou sites⁶ que abordam a literatura, agindo como uma espécie de entretenimento ou complemento para esses jovens. Esse repentino conhecimento de uma área que até o momento poucos poderiam saber da existência acaba desmotivando e dificultando a prática da leitura literária nas escolas, já que no ensino fundamental, a literatura não é tida como uma disciplina, embora os alunos estejam constantemente em contato com ela. Assim, aos poucos, a literatura morre, estudada e apreciada por um número limitado de pessoas.

Num mercado editorial abrangente como o de hoje, mas fora do orçamento das pessoas mais carentes, e considerando a facilidade do acesso às informações através da informática, os adolescentes, principalmente, não apresentam qualquer inclinação para a leitura, dificultando o trabalho de qualquer bom professor. Neste momento, ficam as perguntas: como fazer? Que medidas tomar? Será que esses adolescentes não leem exatamente nada? E se leem, por que essa leitura não é explorada e valorizada?

Com a expansão do mercado cinematográfico e a chegada das adaptações, o prazer e a curiosidade de conhecer esses *best-sellers* cresce ainda mais entre leitores/consumidores desse produto cultural. Como já explorado no capítulo anterior

⁵ Canais que falam especificamente de livros ou literatura:

Minha Vida Literária: (<https://www.youtube.com/channel/UC9a8c2-uExUvyokwA2ft2OA>)

All About That Book: (<https://www.youtube.com/channel/UCM7bOf9eTwuFXxJ4DXSPv7g>)

Pilha de Leitura: (<https://www.youtube.com/channel/UCtw7uAJ1iX0LVbeUCXCQ3Q>)

⁶ Sites/blogs que falam sobre livros ou literatura:

De Cara nas Letras: (<http://decaranasletras.blogspot.com.br/>)

Eu Li, e Você?: (<http://ler-e-ser-feliz.blogspot.com.br/>)

deste trabalho, levantando-se a questão se essas adaptações seriam realmente algo negativo, e a resposta final que temos é um perfeito não; ao contrário, o cinema e as adaptações tem se tornado mais um canal e um suporte de estímulo a leitura de obras. Alguns podem acreditar que o surgimento dos filmes, inspirados nos livros, acaba fazendo com que esse futuro leitor se sinta desestimulado para ler a obra original e queira apenas a comodidade de ver o filme. Na realidade em que vivemos, comprovada diariamente, não é isso que percebemos acontecer.

A leitura no Brasil evoluiu, mas não da maneira que determinados professores ou críticos literários esperavam. Citemos novamente o exemplo da obra americana *A Culpa é das Estrelas*, de John Green. O livro foi muito bem recebido no Brasil pelos leitores, quando a editora Intrínseca, em 2012, publicou sua primeira edição. Em meados do segundo semestre de 2013, em uma pesquisa realizada pelo Nielsen⁷ (site especializado em acompanhar as vendas e o consumidor), a obra já batia a média de 7.734 exemplares vendidos por semana. Em 2014 chegava aos cinemas à adaptação do livro. Sites especializados no mercado editorial como o já citado *Publish News* ou então de notícias como a revista *Veja*, já comentavam o avanço exponencial da obra, após a chegada de sua adaptação. Em uma matéria virtual, a *Veja*⁸, citando o Nielsen, declarou: “A melhor semana foi a do lançamento do filme, com 25.000 unidades vendidas”. A obra que estava na margem dos sete mil, bateu, no mês de estreia do filme, a meta de 110.000 exemplares vendidos. E não apenas em referência ao livro do filme, mas também as outras obras publicadas aqui no Brasil pelo autor. Os leitores que se agradaram com a história de Hazel Grace, a garota com câncer que havia desistido de viver, quiseram conhecer mais da escrita de Green, e se aventuraram em seus outros livros, dobrando as vendas de exemplares das obras *Quem é Você, Alasca?*, *O Teorema Katherine*, *Cidades de Papel*, *Deixe a Neve Cair*, e *Will&Will – Um Nome, um Destino*. Jogada de marketing? Também, mas não apenas isso.

Vejamos esses dados em contraposto com as vendas dos livros considerados canônicos na lista a seguir:

Fig. 3 – Livros mais vendidos em Literatura Brasileira (nos últimos 30 dias)

⁷Disponível em: <http://www.nielsen.com/br/pt/press-room/2014/Estreia-do-filme-A-culpa-e-das-estrelas-impulsiona-venda-de-25-mil-exemplares-do-livro-na-mesma-semana.html> Acesso em: 15/06/2016

⁸ Os dados foram retirados da seguinte matéria <http://veja.abril.com.br/entretenimento/filme-a-culpa-e-das-estrelas-impulsiona-venda-do-livro/> Acesso em: 15/06/2016

	Capitães da Areia Jorge Amado	1° mais vendido	>
	Dom Casmurro Machado de Assis	2° mais vendido	>
	O Cortiço Aluísio Azevedo	3° mais vendido	>
	Memórias Póstumas de Brás Cubas Machado de Assis	4° mais vendido	>
	Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada Carolina Maria de Jesus	5° mais vendido	>

Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br/livros-mais-vendidos/literatura-brasileira>

Para um país que se diz não haver leitores, sites como a Estante Virtual, mantém sim uma lista de vendas ou dos títulos que mais saíram no mês. E embora lá eles não especifiquem quantos exemplares foram vendidos, organizam esses livros através de ranks, sendo que no mês de setembro de 2016, a obra mais vendida, estando em primeiro lugar era justamente um grande clássico da literatura brasileira, o famoso *Capitães de Areia*, do consagrado Jorge Amado. Logo em seguida podemos visualizar mais um grande nome da nossa literatura: *Dom Casmurro*, ou então, *O Cortiço*. Essas obras, embora taxadas como esquecidas pelos jovens atualmente, estão sempre aparecendo em meio a eles, seja através de uma imposição para ler em vista de prestar o vestibular, seja pela livre e boa vontade de conhecer os clássicos nacionais. O fator principal a se destacar é que a literatura clássica brasileira não foi esquecida, só não é consumida com a mesma proporção com que os romances *best-sellers* são, tendo, em vista, diversos fatores, que motivam a isso. O principal deles é que algumas pessoas, mesmo leitoras, enxergam esses livros não como algo para se divertir, relaxar, mas sim, remetem sempre sua leitura a estudos e escolas, justamente, porque o professor, fechado a metodologia tradicional, nunca foge desses títulos, fornecendo pouca variedade dentro da sala de aula.

Outra coisa que conseguimos comprovar com os números das vendas do livro *A Culpa é das Estrelas*, é que as adaptações não são uma ferramenta de desestímulo, muito pelo contrário; geram curiosidade não apenas na obra original, a que está sendo

adaptada, mas também em outros romances que o autor possa ter escrito, como é o caso dos títulos que citamos anteriormente. Todos foram publicados aqui no Brasil e escritos pelo mesmo autor. Ao mesmo tempo em que os leitores compravam exemplares da obra adaptada para o cinema, eles também buscavam adquirir os outros livros do escritor.

Muito bem coloca Lignani (2014), em seu capítulo *A Recepção Crítica de Harry Potter e as Estratégias Midiáticas de Consagração* quando diz:

Acredito que não se possa simplesmente desprezar Harry Potter que, no mínimo, está provocando uma transformação no âmbito da leitura [...] O educador não receptivo às novidades que assediam o mundo infantil perde a oportunidade da interação em que acontece a aproximação de amizade, de cumplicidade que, às vezes, também deve entrar como componente na relação professor/aluno. (LIGNANI, 2014, p. 125-127).

Essa mesma relação pode ser estabelecida com as adaptações dos livros para filmes, principalmente os *best-sellers*, que se tornam cada vez mais participantes do cotidiano desses alunos. Atualmente, alguns dados apontam um aumento considerável da leitura no Brasil (como já evidenciado no capítulo um), levando em consideração que a porcentagem ainda é quatro livros por ano para cada brasileiro. O aparecimento dos blogs literários e o investimento das editoras em obras com uma linguagem mais voltada para o público jovem facilitou o envolvimento desses leitores e permitiu que novas possibilidades aparecessem. Porém, a facilidade acaba quando clássicos brasileiros ou estrangeiros adentram a linha de leitura desses novos leitores, que buscam ler apenas aquilo que lhes agrada. A ideia é que esses livros, tantos canônicos, quanto contemporâneos, compartilhem espaços dentro da sala de aula. Afinal, essa literatura de massas, tem muito que oferecer, ao contrário do que os ‘*grandes*’ especialistas literários dizem. Em sua tese, Sierakowski afirma:

É nesse sentido que devemos formar leitores críticos. Se acreditam que a literatura de massa é uma subliteratura, que faz parte da indústria cultural que traz alienação para as massas, o professor/pai/mãe/ etc. deve então levar o jovem leitor a entender que ele pode fazer a leitura de literatura de massa (ou de qualquer outra), mas não como um mero consumo, como meio para se encaixar em um grupo, mas pelo prazer de ler determinado livro. O mesmo se aplica a uma obra canônica: se a lemos apenas para termos um assunto para conversar, como pensa Bloom, ou se lemos por obrigação da escola, ou, ainda, se lemos por algum modismo cult, também relegamos essa leitura ao mero pretexto de nos encaixar em algo e o prazer novamente fica em segundo, terceiro, quarto plano, prazer esse que não deve ser instituído pela escola, academia, crítica literária ou qualquer outro lugar imbuído de poder. Prazer da leitura é construído lentamente, de acordo com os gostos do leitor; claro que a escola pode influenciar

nisso, mas é preciso repensar como isso tem sido feito. (SIERAKOWSKI, 2012, p. 49).

Visualizamos na citação acima o claro papel do professor como mediador, e não detentor de poder sobre o gosto literário dos alunos. Infelizmente não é dessa forma que vemos acontecer nas escolas e academias. Ainda se propaga a visão diminuta de que lê resume-se a meia dúzia de nomes da literatura brasileira, insistentemente, Machado de Assis.

No ensino médio, abordar assuntos e discussões literárias a partir da leitura de Machado de Assis ou Graciliano Ramos ainda é um ponto complexo, que exige conhecimento e, sobretudo, leitura e sensibilidade deste professor para utilizar diversas estratégias de leitura na sala de aula. Devido à linguagem formal e culta de ambos os autores (considerando-se também o período em que viveram), alunos e leitores dificultam o contato com suas obras, ora por não compreender completamente o sentido, ora por puro comodismo de querer leituras fáceis.

Em seu ensaio, *Desafios de Trabalhar Literatura Brasileira*, Rossi (2009) cita a dificuldade no trabalho com livros canônicos, dificultando a compressão não só da literatura brasileira, cultura a qual estamos inseridos, mas também os períodos dessa literatura. Segunda a autora, citando Kleiman (1999), “quando utilizamos somente métodos tradicionais de leitura, os alunos ficam limitados no processo de construção do conhecimento”. Para isto, ela irá sugerir, assim como sugeriu Sierakowski, que se insira o gosto por essa leitura, e não apenas a considere como uma atividade mecanizada, onde necessariamente o foco é fazer os alunos ler. Evidentemente o professor não está em sala para fortificar essa mentalidade de leitura como um trabalho, mas sim para estimular o aluno pelo gosto de ler. Assim como diz Morais em seu ensaio *Ensino De/Com Literatura: Objetivos E Desafios*:

O ser humano é, por sua natureza, um ser prenhe de necessidade da fantasia, seja ele primitivo ou civilizado, criança ou adulto, instruído ou analfabeto, como frisa Antonio Cândido [...] literatura responde a essa necessidade vital do humano. (MORAIS, 2012, p. 7).

A autora expõe com perfeição a inabilidade que existe de querer separar a humanidade da literatura. Somos seres literários até quando não queremos. Assim como oxigênio, não é possível desprendê-la de nós, mesmo quando algo não é de nosso agrado ou não queremos aceitar. Vencer essas barreiras nos dias atuais, como citado

acima, tem sido, a nosso ver, mais fácil. A literatura está permeada em todo o meio ao qual vivemos, seja pelos telejornais, pelas revistas ou nas músicas que ouvimos. E mais além, talvez, nas redes sociais tão utilizadas pelos jovens, ou na expansão que vem acontecendo envolvendo blogs⁹ e vlogs¹⁰.

Roger Chartier (1999) irá tratar um pouco sobre essas revoluções na leitura, provindas de mudanças acontecidas décadas atrás.

Os leitores da era eletrônica podem construir textos originais, cuja existência, organização e aparência dependem somente deles. Além disso, têm o poder de intervir a qualquer momento para modificar o texto e reescrevê-lo. Tudo isso, assim como a possibilidade de receber textos, imagens e sons no mesmo objeto – o computador – altera profundamente todo o relacionamento com a cultura escrita. (CHARTIER, 1999, p. 125-127).

Esses blogueiros¹¹ e vlogueiros¹² são leitores, que famintos por mais leituras, querem compartilhar suas visões sobre determinados livros ao mundo, e por isso, alguns ganham maior destaque. Na era de fácil acesso através das redes midiáticas em que vivemos, já se encontra pela internet acervos intermináveis de livros digitais disponíveis para os leitores gratuitamente. Sites de venda como a *Amazon.com* já disponibiliza alguns conteúdos para seus leitores sem precisar pagar nada por eles. O mesmo acontece para os jovens autores que querem demonstrar seu talento. O site *Wattpad* já conta com milhares de inscritos que postam, diariamente, semanalmente, mensalmente, textos originais ou *fanfics*¹³ inspiradas nas obras que mais gostaram. Essas novas organizações possibilitaram maior facilidade na hora de encontrar uma casa editorial para se trabalhar. A editora Paralela, por exemplo, selo da Companhia das Letras, atualmente

⁹ Blog é uma contração do termo inglês web log, ‘diário de rede’, uma espécie de site cuja estrutura permite uma atualização rápida a partir do acréscimo dos chamados posts (publicações). A ferramenta é utilizada por diversas pessoas justamente por não cobrar uma hospedagem e ser mais simples de organizar e publicar do que um site. Os blogs podem variar seus conteúdos dependendo do tema que o dono ou usuários estabeleçam para ele.

¹⁰ Vlog é a abreviatura utilizada para descrever o termo videoblogue ou weblogs, cujo o conteúdo principal são vídeos. Assim como os blogs, os vlogs são os canais de vídeos que se hospedam em sites como o youtube. E também podem variar de conteúdo de acordo com seu usuário. Hoje, são ilimitadas as possibilidades de temas para vlogs, desde humor, drama ou clipes musicais, aos vlogs literários, que tratam de livros e cultura pop.

¹¹ Blogueiros é a denominação adotada pelos donos/usuários que publicam nos blogs.

¹² Vlogueiros é a denominação adotada pelos donos/usuários que publicam vídeos nos canais de vlog.

¹³ Fanfic ou fanfiction como é geralmente denominada nos Estados Unidos, é uma narrativa ficcional escrita por fãs, e publicada em blogs, sites e outras plataformas pertencentes à internet. Nas fanfics, os autores (fãs) se apropriam de personagens ou enredos provindos de produtos já existentes, como livros publicados, filmes lançados, grupo musical favorito, quadrinhos, videogames e etc, escrevendo sobre eles, sem qualquer fim lucrativo ou sem ferir os direitos autorais dos verdadeiros autores. A finalidade principal as vezes é explorar um personagem não muito mencionado, ou criar um universo paralelo as histórias originais, como uma espécie de releitura.

faz o maior sucesso tendo adquirido os direitos de publicação da série *After* (2014), *fanfic* inspirada na banda teen *One Direction*, escrita pela autora Anna Tood. A obra trás um lado mais picante da vida desses membros da banda e já é sucesso para o público feminino. O mais impressionante é que a autora ganhou destaque lançando seus capítulos no site *Wattpad*. Iniciativas como essa expandiram o campo de busca das editoras e hoje diversas outras tomam essas *fanfics* como algo para ser avaliada, mas não só facilitaram o contato do leitor não apenas com a leitura, mas também com a escrita. Os que antes apenas liam, emocionavam-se e comentavam, agora também os inspiram à produção, à escrita criativa. Atualmente, a editora Universo dos Livros é quem mais publica obras tiradas diretamente desse site.

Além de sites que facilitam o contato com os agentes literários, temos também locais na rede específicos para socializar opiniões sobre as obras, os blogs e vlogs são apenas uma parcela do que temos hoje em dia. O site virtual *Skoob*, por exemplo, permite ao leitor interagir com outros leitores do Brasil, compartilhando suas notas finais a determinada obra, escrevendo resenhas ou mandando mensagens individuais, seja em fórum ou em grupos fechados. O *Skoob* tem como principal finalidade permitir que esses internautas tenham acesso a sua estante virtual, onde eles poderão organizar suas metas de leitura do ano, seus lidos, não lidos, desejados, comprados, emprestados, abandonados, favoritos e muitas outras funcionalidades. O que começou com uma mera ferramenta de organização, que poucos conheciam, hoje totaliza, no território brasileiro, e somente nele, certa de 2.300.000 usuários, e, cresce diariamente. Para um país sem leitores, esses números são bem altos não? O *Skoob* possui parceria com várias editoras, e semanalmente sorteia cerca de 10 exemplares de várias obras para seus usuários. Ainda, para reforçar os dados, temos o famoso *Goodreads*, site mundial sobre livros. Com a mesma intenção do *Skoob*, o *Goodreads* só amplia o número de usuários, baseando-se em todos os continentes.

Diante dos dados aqui mencionados, acrescentamos a visão de Lajolo apresentada em sua obra *Literatura: Leitores e Leituras*, concordando que a utilização da internet é mais que bem vinda para o estímulo da leitura nos jovens.

O computador afeta profundamente o mundo literário [...] Em primeiro lugar, ele favorece formas alternativas, mais baratas e mais práticas de distribuição de textos: os bancos de textos. Que disponibilizam livros inteiros, bibliotecas inteiras, impressas em papel ou legíveis apenas na telinha, à escolha do freguês. Ele também

favorece livros eletrônicos, que são ótimos, mas não são tudo. (LAJOLO, 2001, p.116).

Podemos ampliar a citação de Lajolo e dizer que, atualmente, o computador e a internet também fornecem feedbacks sobre determinados livros ou causam a produção de novas obras, através das milhares de resenhas que são postadas diariamente nos mais incontáveis blogs e vlogs, ou *fanfics* escritas das mais diversas formas. Aos condenados *best-sellers* tão criticados pelos estudiosos universitários e professores de mentalidade fechada, deve-se então agradecer, já que eles têm sido uma porta tão importante de introdução à leitura e escrita, fornecendo esse novo gosto ao aluno. Dessa forma, é evidentemente que podemos somar e aproveitar todo esse conteúdo nas escolas. Os livros que são vistos como superficiais, se tornam boas maneiras de introduzir ou trabalhar com os jovens leitores, seja utilizando uma série como *Diário de um Banana* (2008), do autor Jeff Kinney, para abordar os gêneros quadrinho e o próprio diário, mostrando suas características, a questão dos balões fala, ou expressão dos personagens; seja usando uma obra como *A Culpa é das Estrelas*, que trás temas interessantes, como a morte, a depressão, o amor, para serem abordados em redações ou até em reflexões orais entre alunos e professores, ou uma interdisciplinaridade, trabalhando a doença do câncer, tratando de aspectos mais literários, como a posição dos personagens sobre ter essa doença, e, se possível, fazendo uma ponte, talvez, com lado mais científico, que pode ser abordado pelo professor responsável por biologia. Já diz Rildo Cosson:

Uma das áreas mais afetadas é, justamente, a seleção dos textos para serem ensinados e aprendidos como herança cultural. As posições assumidas pelos professores são as mais diversas. Há aqueles que sequer admitem discussão e continuam a afirmar a essencialidade do cânone e da tradição – (COSSON, 2014, p.94).

O professor deve fazer a seleção dos textos, tendo lido todos eles anteriormente, para saber que pontos explorar e se existem fatos relevantes para se trabalhar. O que acontece é que justamente, a grande parte dos professores, não leem, é, então, optam em trabalhar o cânone porque é a literatura estabelecida pelo sistema e dessa forma não será questionado sobre a qualidade. Sobre isso, Cosson também diz:

Plural e diversa deve ser a leitura que fazemos dos textos e não simplesmente a seleção deles. Plural e democracia não é a escola que indica qualquer texto, mas sim aquele que ao selecionar sabe respeitar as diferenças explicitando os valores de sua escolha à comunidade leitora. (COSSON, 2014, p.98).

A qualidade do conteúdo fica a mercê do professor, a quem se pede, minimamente, que leia as obras que irá trabalhar em sala, e não apenas as use por sugestão do livro didático. Este, aliás, é outro grande problema, pois os livros didáticos ainda trazem, em sua maioria, um enfoque de leitura assentada no cânone e não citam muitos autores contemporâneos, muito menos da literatura de massa. Atrelado ao livro didático também está o estudo da literatura baseado na exposição sobre escolas e movimentos literários, mantendo o ensino de base histórica e não aprofundando e estendendo para a leitura da obra literária no completo.

Como já explicitado, o ensino da literatura brasileira ainda está presa aos tempos coloniais. As produções feitas atualmente não são exploradas em sala de aula, os novos autores que aparecem sempre nas redes sociais, jornais ou bienais, nem ao menos são mencionadas na classe. Mal sabem os professores o quão bons autores estão perdendo ao desconhecerem ou se negarem a conhecer. Sierakowski (2012) já mencionada em diversos momentos deste trabalho, comenta sobre a pluralidade e ampliação dos leques de possibilidades, realçando sempre que não existe subliteratura e nem MELHOR literatura, são todos textos. Portanto, cabe ao professor, como mediador, saber quais pontos explorar e quais obras melhor se encaixam no seu planejamento e para sua turma.

Por exemplo, se o professor tiver por objetivo aprofundar discussões e debates a partir de uma função social da literatura, obras como *A Ilha dos Dissidentes* (2013), da blogueira e autora Barbara Morais, será um prato cheio para trabalhar preconceito e construção social, uma vez que a autora trata de uma temática semelhante às histórias contadas nas HQs dos famosos “*X-Mens*”. Em um resumo geral, de sua obra, temos uma sociedade onde os humanos estão despertando habilidades. O mundo, devastado em guerras, mudou completamente. Agora, esses “anômalos”, como são denominados os seres sobrehumanos na trama, precisam morar separadamente da comunidade humana sem poderes, tendo que utilizar roupas em cores como amarelo que os identifiquem diferentemente, e tendo acesso registro dentro das cidades. Uma trama que aborda tão bem a separação social, o preconceito (não só de cor, mas raça e sexual) não deve ser menosprezado. O mesmo pode ser dito de outros autores da atualidade, como Eduardo Spohr, que apresenta recontos bíblicos em suas obras, narrando aventuras de anjos e demônios, fazendo ponte com diversos eventos de importância na bíblia. Ou, então, Leticia Vilela, que em sua série literária *Red Luna* (2013), aborda não só um reconto

dos antigos vampiros baseados em *Drácula*, como também menciona mitologias. Em específico, no segundo livro da série de Vilela, intitulado *A Profecia de Samsara* (), vemos a autora comentar um pouco sobre mitologia asiática e sua cultura. Com sua obra temos a oportunidade de mais uma ponte com a disciplina de história, que pode vir a explorar mais sobre a construção social desse povo, ou até mesmo, seu passado, crenças e costumes.

Desse modo, podemos dizer que é impossível dissociar o cânone do contemporâneo, o que antes foi dito, hoje é revisitado, relido e reescrito de maneira diferente e os best-sellers tem enriquecido a retomada dos clássicos. Então por que menosprezá-los se podemos utilizar os dois tipos de leitura e dar um sentido mais próprio e relevante para essas leituras? A literatura não deve ser tratada apenas como um conteúdo obrigatório para exames de acesso ao ensino superior, pois como confirma Heloisa Helena Pedrosa:

Observa-se no Brasil, que isso tudo é resultado de uma política educacional que não permite a alteração desse ciclo vicioso que transformou o conhecimento em mercadoria. De um lado, as escolas públicas desprovidas de verbas para suprirem as necessidades que permitem fazer uma real educação e reduzir as iniquidades da sociedade. De outro lado, as escolas privadas que se colocam a serviço das camadas médias e altas, no que se refere ao ensino fundamental e médio, e perpetuam, dessa forma, um tipo de ensino elitista, que reafirma a educação como mercadoria, e tornam-se transmissoras de um conhecimento que está mais na esfera informativa.

A consequência dessas alterações educacionais é que a literatura passe a ser desprovida da “natureza humanista trazida de suas origens”, mantendo-se no currículo escolar por exigência do vestibular. (PEDROSA, 2014, p. 117).

A autora frisa justamente a aplicação desse ensino como pretexto para o vestibular, como se a literatura servisse tão somente para realizar uma avaliação ao final de todo o ensino básico. E se por um lado temos professores que não trabalham *best-seller* por que não leem, por outro temos um sistema educacional extremamente falho, que na maior parte do tempo silencia a voz dos alunos e não busca atualizar e redimensionar o lugar da leitura e da literatura na vida desses jovens leitores, principalmente, na escola. Segundo Cosson:

Na média, os professores assumem uma postura autocrática e definem as leituras para seus alunos tendo como horizonte apenas as suas próprias leituras, em um conjunto que se alterna entre obras de auto-ajuda e obras canônicas, incluindo um pouco de tudo e um tanto de nada. (COSSON, 2014, p.95).

Belas palavras pra descrever o menosprezo que a literatura de massa sofre no campo acadêmico e educacional. Existe um imenso preconceito sobre essa esfera social e cultural. Em seu blog literário, Histórias de Papel¹⁴, a jovem Caroline Gurgel (2015), elaborou um interessante post sobre o preconceito literário; e, embora, a postagem não tenha sido exclusivamente voltada ao ensino, pontos foram bastante relevantes para a realidade a qual vivemos. Em especial, destacamos a seguinte passagem:

Esse preconceito em relação aos best-sellers não é novidade. Essa tribo que se considera intelectual sempre repete clichês como “Odeio best-sellers”. Como se ‘best-seller’ fosse um gênero literário e todos os livros que vendem muito fossem iguais. Victor Hugo e Goethe já foram best-sellers, e aí?! Há que se separar a literatura de entretenimento da acadêmica, da obrigatória para quem é do ramo. Existe a leitura por hobby e a leitura para quem trabalha com isso. Imagine alguém chegando em casa, estressado após um dia exaustivo de trabalho, cheio de problemas pessoais. Esse alguém vai à estante e escolhe um livro. O que você escolheria? Um livro denso, que requer muita concentração e esforço, ou um romance leve, divertido, que vai lhe relaxar? É tão difícil entender a diferença? Não me entendam mal, não sou contra a leitura de livros clássicos, sérios ou densos, mas há hora para tudo e o leitor jamais deve ser julgado por suas escolhas. (GURGEL 2015).

A dificuldade de aceitar o novo se dá, principalmente, por parte de professores com idades mais avançadas ou com formação de *bacharéis*, presos a ideia da gramática normativa ou da literatura clássica como aquilo que se deve aprender na escola.

Há muito mais para se retirar da literatura do que aparentemente se mostra e os best-sellers de hoje em dia não fogem a isto. O marketing que alguns recebem só prova, em alguns casos, seu valor. Existem livros fracos no mercado editorial? Claro, mas sempre existirão, como Gurgel bem colocou. Cabe o professor saber auxiliar este aluno para que ele saiba efetuar essa distinção do bom ao ruim. Entramos aqui no primeiro passo para formar um bom leitor, competente o suficiente para identificar o qual guardar e qual ler pelo simples prazer de relaxar ou curtir. Cabe a este professor mediar, quem sabe, explorando esses *best-sellers*, para então chegar a um ponto onde ocorra uma convergência entre o clássico e se alcance seu desejo.

O professor deve ser aquele que saiba improvisar, já que a realidade na sala de aula é bem diferenciada e muitas vezes imprevisível. Provavelmente acontecerá de alunos reclamarem sobre as obras selecionadas ou a quantidade de páginas para ler.

¹⁴ Disponível em: <http://historiasdepapel.com.br/2015/02/03/preconceito-literario/> Acesse em: 15/06/2016

Prosseguir com calma e paciência é o mais aconselhável. Como incentivar um aluno a fazer algo que você nem ao menos gosta? A grande questão é essa. Não se forma leitores se você não é um leitor. E não se aceita o outro ou ensina-se a respeitar as diferenças, pregando-se a ideia preconceituosa de que só são livros de qualidade se forem clássicos, abominando qualquer *best-seller*. Em pleno século XXI, convivemos com o desrespeito ao gosto pessoal. A não persistência dessas professoras acarretou em boa parte no comodismo da sala.

Nesse caso, outro fator importante adentra em nossa discussão: a participação familiar. O trabalho do professor é um tanto complexo levando-se em consideração as superlotações das salas de aula. O grande déficit para nós está justamente no fato dos professores só abordarem a literatura como disciplina obrigatória no ensino médio, dispensando seu uso no fundamental, mesmo que os textos literários estejam todo dia, presentes na sala de aula. Com uma leitura já iniciada nas séries primárias, tendo a distinção de que os alunos já comecem a tentar ler obras inteiras, nos anos seguintes, o trabalho do professor seria muito mais fácil de acontecer, já que os esses jovens já ingressariam no ensino avançado com um arcabouço de títulos já lidos ou sugeridos na sala de aula.

Hoje em dia, temos a literatura infantil e juvenil que mal é trabalhada nas salas de aula, desperdiçando tão bons conteúdos que poderiam ser explorados a partir de uma boa aula de leitura. Essas obras usam e abusam do intelectual e imaginário das crianças. Em seu livro, *O Professor e a Literatura*, especificamente no terceiro capítulo, *O sempre, o nunca, a temível passagem*, Cademartori cita livros que fazem parte desse catálogo imaginativo para os jovens leitores, fornecendo-os como dica para trabalhar nos anos iniciais. Entre esses mundos fantásticos vemos referências às obras de grandes nomes como, *Mágico de Oz*, *Alice no País das Maravilhas*, *Peter Pan*, *Cinderella* e outra mais, que até hoje ainda marcam presença nas vendas editoriais. Esses livros possuem intermináveis recontos já publicadas e muitas delas distribuídas para as escolas como livros paradidáticos. Um professor aberto deve enxergar essas releituras ou novos livros como uma possibilidade ainda maior para formar alunos leitores. Aproveitar-se desses recontos para não só guiar o leitor ao texto original, como no caso de *Alice no País das Maravilhas*, obra de Lewis Carroll, que já foi recontada milhões de vezes, sobre as mais diferentes e intrigantes perspectivas, mas também aprofundar para clássicos mais antigos, como no caso da série literária *Percy Jackson e os Olimpianos*

(2008) do americano Rick Riordan. No segundo volume da série, o personagem reconta basicamente as aventuras vividas em *A Odisseia*, de Homero. Em *Mar de Monstros* (2009), sequência do primeiro volume da franquia, Percy navega pelos mares que Ulisses navegou, enfrentando não só as mesmas águas, como também alguns de seus vilões, como o ciclope Polifemo ou a feiticeira Circe. A aplicação de um livro como esse facilitaria não só a abordagem mais tarde de um texto clássico, como também possibilita inúmeras leituras e interpretações.

Infelizmente, para que esse trabalho venha a se realizar como é proposto acima, necessitaria-se que os anos de ensino fundamental realmente trabalhassem com essas obras infantojuvenis. Facilitaria muito mais o desenvolvimento dessa ideia com essas turmas. Entretanto, nada está perdido. Mesmo não existindo ainda essa continuidade no ensino de literatura, tendo início no fundamental, para se aprofundar no médio, como acontece com as outras disciplinas, é possível tentar modificar esse quadro, mesmo nas séries avançadas. Evidentemente que os alunos irão apresentar maior persistência em não aderir esse gosto pela leitura, tendo uma base que não lia ou era estimulada a isso. A falta de leitura no fim ocasiona a falta de domínio desta língua, levando-nos ao ensino mecanizado da gramática onde você possui as ferramentas, todavia não sabe utilizá-las.

Vale ressaltar, que o estímulo para ler tem de partir de ambas as partes. Assim como professores tem preconceito com *best-sellers*, alunos tem preconceito com clássicos. Não adianta persistir em leituras superficiais e acreditar que isso resolverá seus problemas. O ponto principal é de se aceitar a literatura num geral, sem distinção entre clássico ou *best-seller*. O ensino de literatura não é uma moldagem, onde necessariamente os alunos precisam seguir o professor como um espelho, lendo apenas livros que ele cite ou traga para a sala, mas sim uma troca de conhecimento, uma camaradagem para haver lucro de um lado para o outro. Já diz muito bem Sierakowski (2012) “Para o leitor comum, existem livros e a leitura desses livros; não há a preocupação, dessa maneira, com títulos e rótulos uma vez postos por canonizadores.” Os rótulos não importam. O importante é ler e se aprofundar. Conforme o leque de leituras vai aumentando, o leitor por si vai variando quais obras devem conhecer. E assim como diz Abreu (2006) “Portanto, a qualidade estética não está no texto, mas nos olhos de quem lê.”

Fala-se que o ensino de literatura está prejudicado justamente pela falta de material. Inúmeras escolas hoje em dia, no ensino público, possuem boas bibliotecas. Pouquíssimas são as que usam. Segundo Segabinazi (2011) o ensino da literatura:

É concebido como forma de estarmos em relação com impensável, como o questionamento do que somos. Para tanto, é imprescindível a variedade de textos literários (diversos gêneros e de épocas distintas) e a promoção do diálogo entre eles, como espaço-tempo de produção tensionada de sentidos. (SEGABINAZI, 2011, p. 107).

Mas o professor não é este sujeito totalmente desprovido de leituras e conhecimentos e totalmente restrito à uma vida dedicada ao ensino de literatura, por isso há uma gama de elementos que dificultam ou exigem do trabalho docente muito mais do que ler obras literárias. No ensino médio em questão, existe uma diversidade de fatores que acabam não só por atarefar o professor, mas a desestimulá-lo. Segabinazi (2011) mostrará isto também em sua tese:

Do professor que opera com o tempo e espaço delimitados pelo currículo, que precisa atender determinações e orientações das diretrizes curriculares, que é cobrado pela comunidade escolar a atender aos programas dos exames para ingresso ao curso superior (Vestibular e ENEM), que está longe dos livros e da leitura e, principalmente, que interage com um público jovem muito diferenciado daquele a quem a literatura servia em décadas anteriores, entre outras tantas situações que poderiam ser descritas como justificativa para não ensinar literatura. (SEGABINAZI, 2011, p. 107).

Evidentemente existe uma infinidade de barreiras, como vimos, mas nenhuma deve ser tomada como absoluta ou que não possa ser contornada. Martins e Souza, em seu artigo “*Literatura em Sala de Aula, o Duélo Entre Metodozição do Ensino da Leitura e os Desafios das Práticas de Letramento* (2013), também frisam esse meio ao qual o professor está inserido:

Assim pensar no trabalho do professor hoje é enxergar não só a prática docente exercida dentro da sala de aula, mas, nos ater também para as relações que estes têm com seus educandos, além das condições do seu local de trabalho – a escola. O resultado do esforço do professor, muitas vezes, depende das condições de trabalho a que este está submetido: infraestrutura, material de apoio, biblioteca. (MARTINS, SOUZA, 2013, p. 4).

Concordamos que trabalhar em aulas resumidas de quarenta em cinco minutos, com obras que muitas vezes nem na biblioteca estão disponíveis é um obstáculo difícil de contornar e o mais crítico de todos. O professor é bombardeado por alunos desestimulados e por falta de material, precisando manter sempre a persistência naquele

objetivo central que quer alcançar. A saída para esse problema acaba sendo os best-sellers, que circulam de um grupo escolar a outro, vez ou outra aparecendo em debates da aula. O professor pode tomar a internet, as adaptações e os livros contemporâneos não como inimigos, mas como auxiliares para o seu ensino e estímulo. Precisa-se encarar que a era digital chegou, os tempos são outros e os métodos precisam ser revistos e renovados. Não adianta tentar manter uma aula de história da literatura, citando autores e livros, sem nem ao menos o professor se dar ao trabalho de ler. Não se deve oprimir o professor caso ele leia best-seller. Segundo Sierakowski:

Não digo que não se tenha que ler Machado de Assis (que tomei como exemplo de cânone nacional) na escola, mas sugiro que pensemos como o lemos na escola. Defendo que, sim, devemos usar adaptações dessas obras para que o espaço, a linguagem e o conteúdo das fábulas, tão distantes temporalmente dos alunos, possam se tornar mais próximos. Se o aluno vai ler ‘no original’ e não vai fruí-la, qual o sentido de incentivar-se essa leitura? (SIERAKOWSKI, 2012, p. 50).

Qual sentido de ler algo se não retirar-se sua totalidade? Uma leitura desse tipo só irá gerar mais confusão, e não terá a aprendizagem pretendida. Esse espaço para a literatura de massas deve ser dado, porém, não só pelos professores, mas também pela escola, e mais importante, pelo sistema educacional, que centram tanto a pluralidade de textos e a formação crítica do leitor, e, entretanto não abrem espaço a esta nova literatura. Segundo Abreu:

Os livros que lemos (ou não lemos) e as opiniões que expressamos sobre eles (tendo lido ou não) compõem parte de nossa imagem social. Uma pessoa que queira passar de si uma imagem de erudição falará de livros de James Joyce, mas não de obras de Paulo Coelho. Essa mesma pessoa, se tiver de externar idéias sobre Paulo Coelho, dirá que o desaprova. Mesmo que não tenha entendido nada de Ulisses ou tenha se emocionado lendo O alquimista.

A escola ensina a ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal. (ABREU, 2006, p. 19).

Visualizamos na citação a forte influência que a escola tem sobre a visão desses alunos. Não generalizar uma experiência de leitura como absoluta. Os alunos devem sim ter contatos com os livros, para que tenham sua própria visão, por mais que o professor, a direção, ou o sistema, sejam contra essa obra. A essência da literatura assim como comenta as autoras Martins e Souza em seu artigo, está se perdendo. A literatura está sendo fundida sempre a outros meios. Martins e Souza, porém, alavancam:

Diante dessa nova realidade surge-nos uma necessidade de preservar a essência artística da literatura na sala de aula, não deixando de trabalhar com esta arte em nossa escola e nem tão pouco reduzi-la a mero texto utilitário em nossa prática diária. Faz-se necessário que as escolas possam utilizar de textos literários para promover uma aprendizagem centrada na aquisição de conhecimento, na apreciação estética a qual estes textos exigem e não a simples decodificação de informações. Esta é uma real necessidade que precisamos assumir. (MARTIN, SOUZA, 2013, p. 16).

Um professor desestimulado é um professor que não conseguirá atingir seus objetivos. Como dito acima, só podemos influenciar uma visão tendo conhecimento daquilo que se quer incitar, tendo gosto pela aquilo que quer se fazer. Obstáculos qualquer profissão encontrará. Não são vitórias fáceis e o ensino de literatura com certeza não é exceção. O ensino médio em questão é uma das épocas mais complicadas, quando os alunos estão buscando suas identidades, quando estão se conhecendo e passando por transformações que os prepararam não só seus corpos, mas seu psicológico, para uma vida adulta. Desencadear esse gosto pela leitura não nasce da noite para dia. É um trabalho de anos de persistência. O importante é que o professor compreenda que às vezes, é preciso modificar sua metodologia, reconhecer que não funcionou e coragem para começar de novo. E por fim, como já diz Abreu:

Alargar o conhecimento da própria cultura e o interesse pela cultura alheia pode ser um bom motivo para ler e para estudar literatura. A literatura erudita pode interessar a comunidades afastadas da elite intelectual, não porque devam conhecer a verdadeira literatura, a autêntica expressão do que de melhor se produziu no Brasil e no mundo, mas como forma de compreensão daquilo que setores intelectualizados elegeram como as obras imaginativas mais relevantes para sua cultura. Do mesmo modo, pode-se estudar e analisar os textos não canonizados, o que para alguns significará refletir sobre sua própria cultura e para outros, o conhecimento das variadas formas de criação poética ou ficcional.

Não há obras boas e ruins em definitivo. O que há são escolhas – e o poder daqueles que as fazem. Literatura não é apenas uma questão de gosto: é uma questão política. (ABREU, 2006, p. 112).

E sendo política, seguindo as leis democráticas de um país em crescimento como o Brasil, acreditamos que os best-seller precisa ter seu espaço defendido. Afinal, vivemos em uma democracia, não? O povo tem sua voz. Ao invés de se gastar tempo debatendo-se generalizações sem qualquer cabimento, devia-se gastar mais tempo lendo.

3. ESTAMOS LENDO LITERATURA: A VARIEDADE DE LIVROS E A OPINIÃO DESSES NOVOS LEITORES

3.1 O que discutimos até agora?

Ao longo dos últimos dois capítulos deste trabalho, debatemos e teorizamos seu tema central: o preconceito literário na sociedade, dando ênfase ao ambiente escolar. No primeiro capítulo, trouxemos os conceitos de *best-seller* e cânone para contrapô-los. A conclusão que chegamos, é que esses títulos de medição dos livros são apenas rótulos, impostos por uma regra social de acordo com a experiência de leitura de determinados grupos elitizados intelectualmente, de forma que essas pessoas possuam influência para isso. Essa distinção entre melhores e piores pode alterar de acordo com o público ao qual está destinado, como vimos na exemplificação da lista de mais vendidos dos jornais e sites, mas também pode se alterar de acordo com movimentos internacionais, culturais e pessoas de cada época.

Já no segundo capítulo, trouxemos o debate para a sala de aula, demonstrando a dificuldade e certo desconforto que o leitor ávido de *best-sellers* sente dentro das escolas ou das academias. Podemos traçar uma divisão bem distinta entre os alunos ou leitores dessa literatura de massas, que oferecem certa resistência de sair da sua zona de conforto e conhecer outros títulos que sejam considerados clássicos; aos professores ‘*conservadores*’ que preferem manter o estudo da literatura focado apenas no cânone e no estudo histórico das escolas literárias, sem oferecer outras oportunidades para que esses títulos mais vendidos venham integrar sua grade de leituras com os alunos. Desta forma, oferecemos ainda nesse mesmo capítulo algumas sugestões de títulos de *best-sellers* para se trabalhar na escola, oferecendo também temáticas que poderiam ser abordadas.

3.2 – Objetivos e Metodologia da Pesquisa

Neste terceiro capítulo pretendemos analisar e discutir as respostas colhidas em nossa pesquisa de campo, de forma a relacionar essas respostas e nossas posições com os conceitos e ideais já mencionados ao longo deste trabalho.

Como objetivos, pretendemos explorar e demonstrar a visão arcaica ainda impregnada na sociedade sobre os romances *best-sellers*, trazendo sua importância para a ampliação do número de leitores no país, de forma a se tornarem boas ferramentas de estímulo a leitura.

Debater o quesito preconceito literário dentro do meio social dos blogs e vlogs da internet, e como esses autores/donos repassam ou tentam quebrar essa visão preconceituosa tanto para com os romances já consagrados, quanto para com os *best-sellers*.

Nossa metodologia se baseou totalmente em pesquisas quantitativas feita com leitores de diferentes formas.

A primeira pesquisa foi realizada através de uma lista de perguntas (EM ANEXO) na escola pública municipal Aruanda, em João Pessoa, Paraíba, durante duas aulas da disciplina de Língua Portuguesa, no dia 15 de abril de 2015, ministrada pela professora Amanda Staell, com suas turmas de sexto ano A e B. Cerca de quarenta alunos responderam.

A segunda pesquisa foi realizada através de um formulário online (EM ANEXO) da página *Google*, disponível do dia 19 de junho a 9 de agosto de 2016. O público alvo desta pesquisa foram os leitores/seguidores de blogs/vlogs literários pelo Brasil, de forma que o link do formulário¹⁵ foi distribuído através das redes sociais desses meios de comunicação¹⁶. Cerca de duzentos e setenta e cinco respostas foram obtidas nessa pesquisa.

A terceira e última pesquisa foi realizada através da seguinte questão: algum livro *best-seller* já despertou sua vontade de conhecer um clássico? E uma adaptação cinematográfica, atiçou sua curiosidade para a obra que a originou?

Essa questão foi compartilhada em grupos particulares do *whatsapp*, com intuito de conseguir depoimentos desses participantes, onde o público alvo eram os blogueiros/vlogueiros integrantes desses grupos. A pergunta foi disponibilizada nos

¹⁵ Disponível em:

https://docs.google.com/forms/d/1F6xGS72C7myVw8Kxz2PaF2p4rfQ_w7yWCGdSg8vfLJk/edit?usp=drive_web Acesso em: 04/11/2016

¹⁶ Em específico, através das redes sociais do meu blog literário pessoal, o Território Geek Nerd (<http://territoriogeeknerd.blogspot.com.br/>)

grupos do dia 19 de setembro até 23 de setembro de 2016. Foram colhidos cerca de três depoimentos.

Serão utilizados nomes fantasias para manter o anonimato das pessoas que se dispuseram a responder as pesquisas.

3.3 – De leitor para leitor: quero ler e nada mais.

Depois de tanta discussão acerca da leitura, debatendo dados de vendas e o crescimento de leitores visivelmente no país, podemos realmente assumir que o Brasil não é mais um país sem leitores, embora os números ainda não sejam comparáveis a países de primeiro mundo como os Estados Unidos (como as mídias gostam de fazer). Os leitores brasileiros estão se ampliando e o gosto pela leitura sendo expandido. Na edição desse ano, a pesquisa realizada pelo Instituto Pró Livro¹⁷, constatou que houve um aumento de 6% do ano passado para este, e o percentual da população leitora no Brasil saltou de 50% do ano de 2015, para 56% em 2016. Esse aumento se deve não apenas a motivação a leitura nas escolas brasileiras, que cresceram muito devido aos bons acervos localizados em suas bibliotecas, como também a proliferação dos blogs e vlogs pela internet, em específico através das redes sociais tão utilizadas pelos jovens. Pelo *facebook*, grupos do *whatsapp*, redes especializadas em gerar esse relacionamento dos leitores, como o *Goodreads* ou *Skoob*, e até a plataforma virtual para novos autores, o *Wattpad*, gerou uma maneira de conectar um leitor ao outro, das mais variadas partes do globo. Os papéis e visões sociais são transformados, dando a luz para um futuro mais bonito, onde as pessoas realmente tomem a literatura como algo importante para nós, até os menos escolarizados.

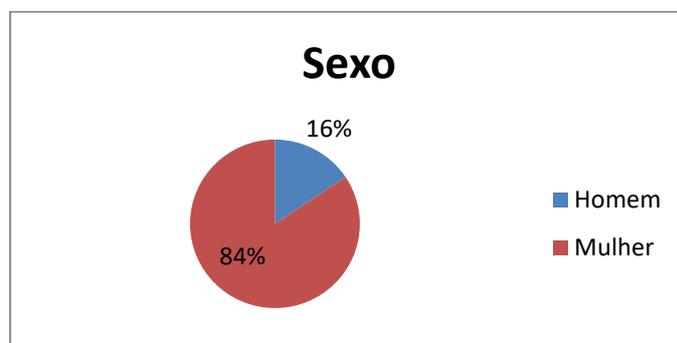
A poder dos dados coletados nesta fase, separamos para análise três grupos distintos: os alunos de fundamental, os leitores adolescentes e jovens adultos e os próprios blogueiros/vlogueiros. O formulário online da pesquisa realizada com os leitores adolescentes através do site *Google* continha oito perguntas distintas, sendo as

¹⁷Associação privada e sem fins lucrativos que se mantém através de contribuições de entidades do mercado editorial, tendo como objetivo central o fomento à leitura e à difusão do livro. Dados disponíveis em:

http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAP_A.pdf Acesso em: 04/11/2016

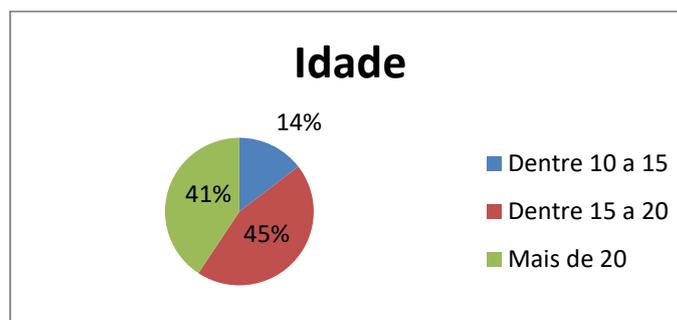
duas primeiras relacionadas ao gênero desses leitores e sua idade. As respostas obtidas geraram os seguintes gráficos de porcentagem:

Gráfico I – Sexo



Fonte: Arquivo pessoal

Gráfico II – Idade



Fonte: Arquivo pessoal

No gráfico I podemos visualizar que dos duzentos e setenta e cinco participantes da pesquisa, duzentos e trinta e dois corresponde ao público feminino, enquanto que a minoria, ilustrada pela cor azul, centra-se no público masculino. Visualizamos então uma inversão dos papéis; a mulher que antes era tão aprisionada em casa, impedida de ler, tendo que cuidar dos filhos e seus lares, já que ato da leitura ficava a mercê dos homens, e não dos homens pobres, mas dos ‘grandes homens’, como os advogados, médicos e políticos, agora começam a se tornar cada vez mais presentes no mundo da literatura. Essa mudança é visível não só pelo número de leitoras, mas também de blogueiras e autoras, que estão cada vez mais presentes no meio editorial. As mulheres também ganham destaque atualmente nos livros, se transformando em personagens que enfrentam a corrupção de governos, tentando lidar com situações cotidianas e se empoderam de forma a deixarem o local de coadjuvante, para se transformar na grande

heroína. A classe antes tão oprimida, hoje é liderança de público para as editoras. Como bem coloca Manguel em seu livro:

Embora seja difícil generalizar depois de muitos séculos e em relação a tantos países, na sociedade cristã da baixa Idade Média e começo da Renascença, aprender a ler e escrever – fora da Igreja – era o privilégio mais exclusivo da aristocracia e (depois do século XIII) da alta burguesia. (MANGUEL, 1997, p. 91).

Hoje, esse privilégio é fornecido não só as minorias, mas também aos públicos que ainda sofrem opressivamente na sociedade. Na pesquisa realizada pelo Instituto Pró Livro, as mulheres também lideram o maior número de leitoras. Enquanto o número de homens leitores do Brasil chega a 48% do gráfico, o de mulheres vai a 52%. Devemos esse aumento positivo tanto aos movimentos feministas, que estão diariamente combatendo o preconceito de uma sociedade extremamente machista, como também a força de vontade dessas novas leitoras, que se arriscam não apenas em ler, mas em compartilhar sua experiência de leitura através de vídeos ou textos, escritos e publicados nos mais variados blogs literários da internet. E não só compartilham, mas criam toda uma rede imensa de leitores/seguidores, para interagirem entre si. Um bom exemplo disso são as vlogueiras Aione Simões, do canal no *youtube*, “*Minha Vida Literária*”¹⁸, que conta atualmente com cerca de 14.167 inscritos, ou então Mayra, dona do canal “*All About The Books*”¹⁹, com cerca de 15.342 inscritos. São números realmente altos e relevantes para uma sociedade que se diz não leitora. Embora, nem todos que acompanham os vídeos das meninas sejam leitores, evidentemente, só porque acompanham, podem se envolver e futuramente, quem sabe, até interessar-se por determinada obra.

No gráfico II, os números batem novamente com a pesquisa do Pró Livro. A maior porcentagem de leitores brasileiros está concentrada dos dez aos vinte anos. Nos resultados do Instituto, o gráfico mostra dados maiores entre os leitores de dez a treze anos, idade muito boa para se ingressar no mundo da literatura, como já havíamos dito antes neste trabalho. Ainda cursando o ensino fundamental, esses pré adolescentes tem muito mais facilidades de continuar estimulando seu gosto pela leitura, do que um jovem adulto que venha a ter seu primeiro contato com o objeto livro na universidade,

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC9a8c2-uExUvyokwA2fT2OA> Acesso em: 22/09/2016

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCM7bOf9eTwuFXxJ4DXSPv7g/> Acesso em: 22/09/2016

ou nos anos finais do ensino médio. O amadurecimento crítico sobre as obras que estão lendo será muito distinto de um para o outro, de forma que o aluno/leitor de treze anos terá uma bagagem literária bem maior por ter iniciado as leituras bem mais cedo. Devemos esses números às campanhas de leituras feitas nas escolas públicas brasileiras, ao incentivo de alguns professores, a interação desses jovens com a informática, estando constantemente em acesso ao *youtube*, e claro, a distribuição de livros best-sellers que são adotados como paradidáticos. Um bom exemplo são as séries literárias *Harry Potter* e *Percy Jackson* que já circulam em inúmeras escolas do país. No Paraná, em Marechal Cândido Rondon, oeste do estado, o colégio Martin Luther adotou uma campanha de incentivo a leitura onde os alunos sugeriram títulos de livros e alguns foram selecionados para terem suas lombadas pintadas em um muro da escola, de forma que a parede passasse a impressão de ser uma prateleira. Títulos como *A Culpa é das Estrelas*, de John Green, *O Menino do Pijama Listrado*, de John Boyne, *As Crônicas de Nárnia*, de C.S. Lewis, *Diários do Vampiro*, de L. J. Smith, e *A Casa das Orquídeas*, de Lucinda Riley, ou *Toda Poesia*, de Paulo Leminski são alguns dos que recheiam essa estante ilustrativa.

Fig. 4 - Muro de escola no Paraná vira 'estante de livros'



Fonte: <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2016/07/muro-de-escola-no-parana-viraestante-de-livros-para-incentivar-alunos-ler.html>

Na matéria feita pelo jornal G1²⁰, o diretor da escola, Ildemar Kanitz disse que aposta sempre em iniciativas que estimulem os alunos a lerem. Dos títulos retratados na arte, apenas dois foram pedidos do diretor: *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-

²⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2016/07/muro-de-escola-no-parana-vira-estante-de-livros-para-incentivar-alunos-ler.html> (Acesso dia 22/09/2016)

Exupéry, e *O Mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder. A ideia do diretor foi realmente dá voz a esses alunos. Ainda, em declaração ao G1, ele disse:

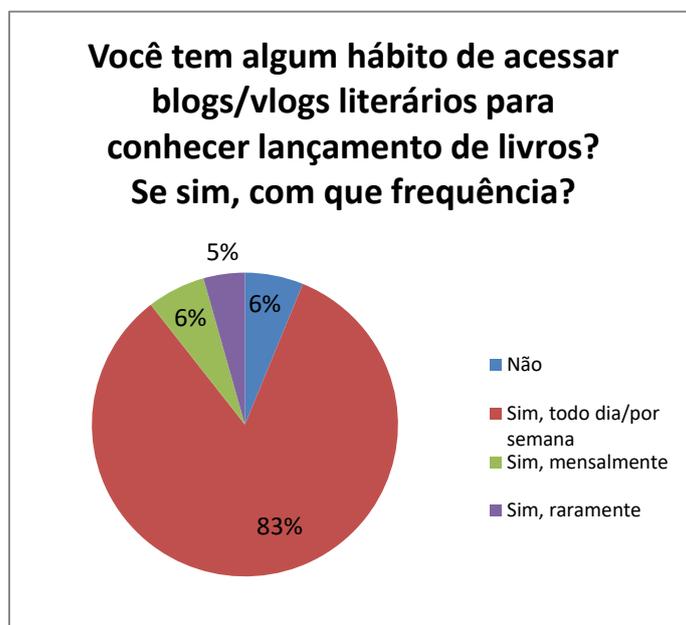
Algumas pessoas me questionaram por que não estão lá os clássicos da literatura, como títulos de Machado de Assis. Respondo que o importante é os alunos se identificarem com a iniciativa e que realmente tenham vontade de ler. E, atualmente, aqueles são os livros que a juventude está lendo. Um livro puxa o outro.

Um ponto importante para frisar da declaração do diretor é justamente seu posicionamento contra o preconceito literário. Ainda, segundo ele, a ideia é sair do modelo tradicional de ensino e aceitar também sugestões dos alunos, para que eles se sintam incluídos como membros de importância na hora desse planejamento, e também despertem a vontade não só de estudar, mas também de ler. Fornecendo esse espaço, o diretor provavelmente quer ampliar o número de livros que os alunos poderão escolher, e esses tão ‘excluídos clássicos literários’, mais tarde serão de suma importância para esses leitores, que envolvidos nesse ambiente de participação, vão querer ouvir a sugestão do professor e conhecer mais dessa ‘nova’ literatura que a eles está sendo apresentada. Como já explicitado no capítulo dois deste trabalho, é exatamente esta a ideia que reforçamos, interagir, de forma que esses livros não sejam categorizados ou inferiorizados devido aos seus rótulos, mas que valam como livros, sem distinção e sem classificação. Como bem disse o diretor, “*Um livro puxa o outro*”, ou ainda, como coloca Furtado (2014, p.105), “*A leitura dos clássicos na escola se apoia em competências adquiridas primeiramente através da leitura de textos contemporâneos*”.

Esses novos leitores deixam não apenas o conforto das obras guiarem suas escolhas, como também expandem seu mundo para conseguirem atrair mais pessoas para o livro que tanto lhe cativou, de forma que ele consiga debater com outros sua visão da obra. E assim nascem os blogueiros e vlogueiros. A leitura no Brasil vem tendo um crescimento, embora não muito grande, desde 2010, quando houve realmente esse ‘boom’ de blogs literários espalhados pela internet. Desde então, surgiram novas ideias, novas pessoas e isso chamou a atenção das editoras, que novamente, buscando lucro, começaram a investir com parcerias com esses blogs. O que começou como uma espécie de *hobby* tornou-se uma responsabilidade. Os blogueiros/vlogueiros recebem livros dentro do período de parceria com essas editoras justamente para resenhá-los e mostrá-los aos leitores. E as editoras não só frisam a sinceridade na hora de julgar o

livro, como a grande maioria espera por isso. O diálogo ocasionou uma nova rotina na vida dos jovens. Rotina essa que podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico III – Você tem algum hábito de acessar blogs/vlogs literários para conhecer lançamentos de livros? Se sim, com que frequência?



Fonte: Arquivo Pessoal

Questionamos os leitores sobre a frequência de acesso que eles têm ou fazem aos blogs/vlogs literários. Das duzentas e setenta e cinco respostas obtidas, duzentas e vinte e nove alegaram acessar esses sites/canais do *youtube* entre todo dia, ou duas vezes por semana. Apenas seis por cento, como ilustrado, não gostam ou não acessam esses conteúdos online. Aqui comprovamos que o surgimento dos blogs/vlogs é realmente uma ferramenta que contribui excessivamente para o crescimento de leitores. A ideia começou a afetar os brasileiros vinda diretamente do maior influente do país, o Estados Unidos, que atualmente conta com uma proliferação gigantesca de *booktoubers*²¹. Aqui no Brasil, os primeiros fortes representantes da ideia foi nada menos, nada mais que duas mulheres. Com a explosão dos blogs, alguns decidiram aderir um método mais rápido para obter seguidores, optando por ao invés de escrever, arriscarem-se frente à câmera e gravar vídeos. Duas das *booktoubers* mais famosas pelo *youtube* são Tatiana

²¹ Título que os vlogueiros, donos de canais de livros, utilizam para nomear sua categoria de vlog.

Feltrin, dona do canal “*Tiny Little Things*”²², e Pam Gonçalves, do canal “*Pam Golçalves*”²³.

Os homens também deixaram a zona de conforto de apenas ler e embarcaram nessa nova opção. Em fevereiro de 2011 inscrevia-se no *youtube* a iniciativa criada pelo Danilo Leonardi, intitulado de “*Cabine Literária*”²⁴. Entre os três, a mais velha no mundo dos vlogueiros é Tatiana. Tendo cerca de 205.932 inscritos/seguidores, a jovem Tati Feltrin como é geralmente chamada pelos seus telespectadores e leitores, varia diversas vezes os conteúdos em seu canal. O interessante é justamente que esses próprios *booktoubers* possuem distinções para seus canais, de forma que o leitor tem a opção de assistir aquele que mais convém ao seu gosto literário. No caso de Feltrin, os telespectadores que curtem seus vídeos geralmente gostam de livros mais canônicos ou clássicos, já que grande parte de suas leituras é remetida a esses títulos. Por outro lado, Pam Golçalves, já no *youtube* desde 2012, tendo cerca de 192.267 inscritos/seguidores, apresenta resenhas mais voltadas aos contemporâneos e aos *best-sellers*. Igualmente, temos Leonardi, que em seu canal, que atualmente contém 139.930 inscritos/seguidores, varia entre os dois tipos de obras, tanto as canônicas, quanto os *best-sellers*.

É interessante ressaltar que as editoras percebem a influência desses jovens que se aventuraram pelos canais literários de forma que casos como Leonardi e Gonçalves se tornam cada vez mais frequentes. Os simples leitores passaram a ser os críticos literários, e agora se tornam autores. Ambos já publicaram livros e fizeram sucesso entre os adolescentes e jovens adultos.

Em 2014, Danilo Leonardi publicou seu primeiro livro, intitulado “*Por que Indiana, João?*”, romance juvenil que marca através da página dos *Skoob* atualmente cerca de 1.338 usuários que leram a obra. E os números não param por aí. Essa porcentagem está centrada apenas nos que já leram o livro de Leonardi, no Brasil. Ainda restam 1.605 que querem ler seu texto.

O mesmo acontece novamente com a *booktoubler* Pam Golçalves. A Editora Galera Record (selo/divisão do grupo Editorial Record que cuida das obras juvenis) investiu na autora e publicou seu primeiro romance intitulado “*Boa Noite*”. A obra foi

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin/>

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/TvGarotait/>

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/cabineliteraria/>

lançada oficialmente em setembro de 2016 e já contava com 494 usuários do *Skoob* que leram e 2.890 que queriam ler. O país tão sem leitores, como alega a mídia, agora está recheando-se de autores e pessoas que querem publicar seus originais. Como bem coloca Chartier em seu texto “*As Revoluções da Leitura no Ocidente*”:

O romance foi lido e relido, memorizado, citado e recitado. Os leitores eram tomados pelos textos que liam; eles viviam o texto, identificavam-se com os personagens e com a trama. Toda sua sensibilidade estava engajada nessa nova forma de leitura intensiva. Leitores [...] eram incapazes de controlar suas emoções e suas lágrimas e, com frequência, tomavam de suas penas para expressar seus próprios sentimentos ou para escrever ao autor como diretor de consciência e guia de suas vidas. (CHARTIER, 1999, p.25).

Essa revolução na literatura vem acontecendo há muito tempo, desde o surgimento dos primeiros leitores, que se preocupavam e, ainda, preocupam-se em expressar as sensações que os esses livros causaram.

Não só de resenhas vivem, claramente, esses blogs/vlogs. O que antes tratava especificamente só de livros, hoje conversa sobre os mais variados temas. Em sua grande parte, focados na cultura pop do momento. Os blogueiros passaram a falar também de filmes, seriados, quadrinhos, comparações entre adaptação, ou capas, ou gêneros literários, e etc. Na pesquisa realizada para este trabalho, questionamos esses leitores de quais são os conteúdos que eles mais gostam de ver em seus blogs/vlogs favoritos. O gráfico de respostas que obtivemos foi esse:

Gráfico IV – O que você mais gosta de ler em um blog, ou ver em um vlog literário?

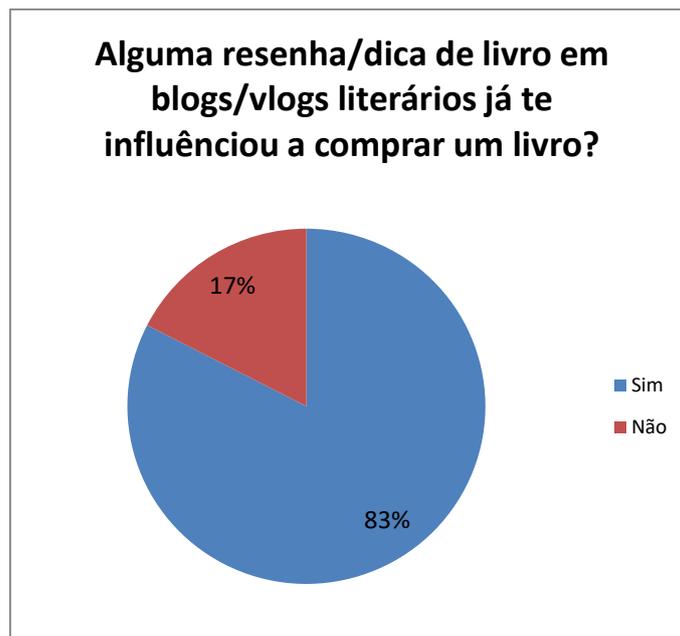


Fonte: Arquivo Pessoal

Vejamos que existe uma boa porcentagem de leitores/telespectadores que gostam dessa variação de temas. Cerca de trinta e um dos leitores que responderam o formulário alegaram preferir indicações ou resenhas de filmes, séries ou HQs. Também temos essa mesma porcentagem para os fãs dos famosos *Bookhauls*, que são uma espécie de post/vídeo onde os *booktoubers*/blogueiros mostram os livros que compraram, receberam de parceria ou ganharam. Esse tipo de conteúdo atrai devido a ser rápido de realizar a leitura, ou de assistir, e também inspira o desejo de consumir essas mesmas obras que estão sendo mostradas. Temos aqui uma evidente ferramenta de influência que esses críticos da internet possuem em suas mãos.

É interessante perceber também que as resenhas são preferíveis por uma boa porcentagem dos entrevistados. Foram 139 pessoas que alegaram gostar das resenhas/críticas/resumos postados nos blogs. E provavelmente foram essas 139, que juntamente a outras, responderam positivamente ao gráfico a seguir:

Gráfico V – Alguma resenha/dica de livro em blogs/vlogs literários já te influenciou a comprar um livro?



Fonte: Arquivo pessoal

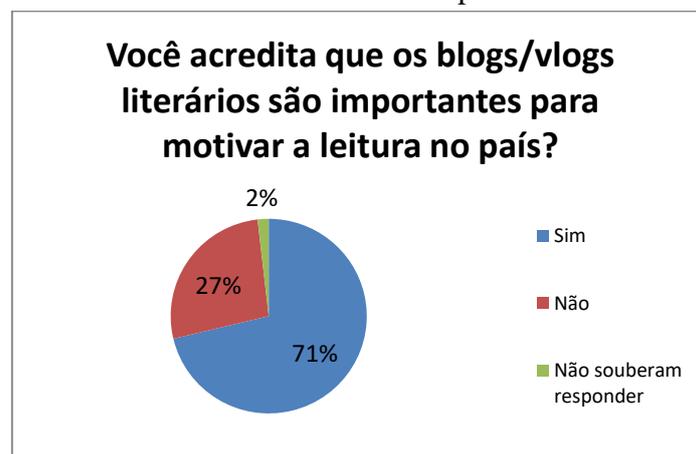
Quando questionados se essas resenhas os motivavam a comprar livros, 83% dos entrevistados, como se percebe no gráfico acima, deram passe livre para o sim. Apenas 17% não se influencia a comprar. Como já frisado anteriormente, a ideia de um leitor que virou blogueiro e indicou um livro é muito mais interessante a esses jovens, do que um crítico literário da elite indicar uma obra. O contato desse leitor com seus seguidores acontece de maneira mais informal, como se eles realmente estivessem conversando sobre os livros. Suas resenhas geralmente tratam de sensações pessoais que ele sentiu enquanto lia a obra, o que como Chartier (1999) colocou na citação anterior, faz o seu seguidor/leitor vivenciar essa mesma experiência, e quem sabe, despertar curiosidade por vivê-la com mais intensidade, lendo a obra original. A divulgação da leitura se transformou, por causa dos blogs/vlogs, em uma corrente positiva de motivação ao ato de ler. Então, sim, o Brasil é um país de leitores. As pessoas só não leem com muita frequência os cânones ou a ‘boa literatura’ que a elite intelectual prega que deve ser lida; ou ainda, não leem como os países de primeiro mundo aos quais são comparados. Essa comparação é até absurda, levando-se em consideração que o brasileiro em si, não possui o hábito de comprar livros, não da maneira que um norte americano, possui. Como bem coloca Abreu:

A cada ano, compram-se e – ao que tudo indica – leem mais livros, entretanto as escolhas parecem inadequadas. Por de trás de afirmações corriqueiras nos dias atuais, como “ler é bom”, há uma seleção implícita de um conjunto de obras que tornam “bom” o ato de ler e justificam outras tantas afirmações, também bastante comuns, como “os jovens não têm o hábito de leitura”. Na verdade, lê-se muito livro

de auto-ajuda, de vulgarização científica, muita ficção científica, história em quadrinhos, lê-se muito livro sobre hobby, sobre astros da música e do cinema, muitas recolhas de piadas. Mas lêem-se pouco os “bons livros”: pouca filosofia, reflexão política séria. Em resumo, parece haver uma diminuição do interesse pelos livros positivamente avaliados pela escola, pela academia, pela crítica literária. O cânone universal dos textos escritos, capaz de assegurar a disseminação dos valores culturais, políticos e religiosos, nos quais se ancora a visão de mundo das elites, parece ameaçado. (ABREU, 1999, p. 14/15).

Vivemos em um país democrático, ou seja, o leitor tem sim liberdade para escolher aquilo que quer comprar e consumir. E como já frisado também neste trabalho, não deve ser menosprezado ou inferiorizado pelas leituras que faz. O Brasil precisa parar de vê a leitura como um ato que foca-se apenas nos clássicos da literatura, e expandir suas visões, um tanto quanto arcaicas, de que ler não se resume a Graciano Ramos ou a Machado de Assis. Vivemos novos tempos, novas ideias e novas pessoas. Essas pessoas não querem grandes críticos literários sugerindo quais títulos devem conhecer, mas sim, outros leitores, que entendem ou convivem a mesma realidade que eles. Por esse motivo, questionamos os entrevistados para saber se eles acreditam que os blogs/vlogs são importantes ferramentas de divulgação para a leitura. Com as respostas obtidas, conseguimos as seguintes porcentagens:

Gráfico VI – Você acredita que os blogs/vlogs literários são importantes para motivar a leitura no país?



Fonte: Arquivo pessoal

Como podemos observar, sim, as pessoas acreditam que essa nova forma de abordar a literatura seja realmente importante para o estímulo da leitura. Entenda que agora temos um leitor que também fala sobre o livro. Questões de afinidade levam outros leitores ou curiosos a se identificarem com as visões que o blogueiros/vlogueiros possuem. Essa identificação vai criando os elos de uma verdadeira rede de troca de

estímulos, aonde um vai falando de uma obra para o outro, e assim, sucessivamente. Essa rede expandiu-se tanto, que eventos que antes não tinham tanta visibilidade, como a Bienal do Livro, agora são marcos quase imperdível durante o ano, para esses leitores. Só na edição de 2016, cerca de 684 mil visitantes²⁵ passaram pela bienal. O crescimento desse público tem sido tão evidente no país, que são bem maiores os números de feiras de livros que acontecem pelos estados brasileiros durante um ano. Além disso, outras atrações surgem para englobar novos públicos, ou acolher uma minoria, como é o caso da “*Comic Con Experiência*”, evento que centra suas atrações nos fãs de HQs e cultura pop. A primeira edição aconteceu em 2015, e nasceu da ideia do mesmo evento que já acontecia há anos nos Estados Unidos. Diferentemente, a “*Comic Com*” norte-americana acontece na cidade de San Diego, aqui no Brasil as atrações centram-se em São Paulo e assim, as correntes de leitores vão ampliando-se mais e mais. Desde os HQs, aos livros *best-sellers* e clássicos.

Sobre essa questão, destacaremos o posicionamento do Leitor 1 (participante da pesquisa realizada através do formulário *Google* com os leitores de blogs/vlogs), que levanta uma questão interessante sobre eles serem boas ferramentas de estímulo a leitura. Ele disse:

Leitor 1: Sim, pois é um crítica feita por pessoas como nós, que temos uma visão diferente do mundo, acho que quando lemos algo que nos identificamos, procuramos saber mais a respeito!

Como havíamos colocado acima, esses leitores se identificam com os críticos literários da internet simplesmente porque eles são leitores das massas, assim como a maior parte desses jovens brasileiros, pelo menos, os que consomem esse tipo de literatura, que como veremos mais a frente, nas sugestões de títulos que os entrevistados deram, não são poucos. Assim como essa resposta, tivemos muitas outras, que seguem o mesmo caminho, a exemplo:

Leitor 2: Sim, cada dia mais o público vem perdendo o interesse na leitura, os blogs literários são excelentes meios de divulgação pois tornam mais dinâmico a perspectiva da leitura, vídeos interativos, o uso da tecnologia em prol do conhecimento e os concursos que realizam são excelentes meios de divulgação da literatura

Leitor 3: Sim, porque blogs/vlogs estão lá não para dizer se uma pessoa deve ou não ler tal livro, mas por que ler tal livro. Explicar

²⁵Esses dados foram retirados da matéria obtida pelo G1, disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/bienal-do-livro/2016/noticia/2016/09/bienal-do-livro-de-sao-paulo-atrai-684-mil-visitantes-em-dez-dias.html> Acesso em 23/09/2016

seus prós e contras. E, também, divulgar livros que não são tão conhecidos e nem por isso deixam de ser bons.

Leitor 4: Com certeza, os blogs/vlogs nos apresentam os autores e seus livros, nos dão uma ideia melhor do que encontraremos nas obras e nos ajudam a identificarmos quais livros se adequam melhor ao nosso gosto.

Leitor 5: Sim, eles são muito uteis, pois nos apresentam a visão de leitores para leitores dos livros. É uma ótima ferramenta, pois muita gente, acaba se interessando pelo livro depois de ver a opinião de alguém com o gosto literário parecido.

Leitor 6: Sim, pois a linguagem dos blogs/vlogs são mais a "nossa cara".

Leitor 7: Sim. Pois assim mais pessoas conhecem o trabalho do autor e incentiva as pessoas a lerem a obra, eu mesma só li Percy Jackson e os Olimpianos por causa de um vlog.

Leitor 8: Sim, é uma plataforma mais interativa. Sem muita regra. Acredito que o leitor se sente mais incluso nesse meio, principalmente se o blog/página for voltado para um estilo que ele gosta. O jovem se sente mais aceito quando vê que outras pessoas da sua idade fazem uma coisa desse tipo, algo legal.

Leitor 9: Certamente que sim! Ver a opinião de um jovem como nós, após ler um livro, é mais confiável do que a propaganda de uma editora, que tem a missão de vender muito. Os blogueiros literários são filtros do que realmente é mais indicado para nós!

Confirmamos nas declarações acima, vários posicionamentos já feitos durante o decorrer deste trabalho. A identificação desses leitores vai muito além de apenas o gosto literário, atribuindo outros aspectos como idade do blogueiro/vlogueiro, nível de interação no seu post/vídeo, qualidade e sinceridade nas resenhas e, sobretudo, perfil que esse blog/vlog acolhe. Observemos que temos afirmações, nas declarações acima, de leitores que se motivaram a ler um título após conferir o vídeo de um vlogueiro. Assim como esse participante que se motivou a comprar e consumir a obra, e aqui percebemos o quanto a voz desses blogueiros/vlogueiros é influenciadora, e quanto poder eles possuem em mãos, existem muitos outros leitores, que identicamente ao participante da pesquisa ainda permanece oculto na nossa sociedade, justamente porque as grandes redes de comunicação (televisão, rádio) não divulgam a literatura ou quando divulgam, optam apenas por títulos que irão agradar somente a elite intelectual. O que acontece novamente é uma seleção de conteúdos e também a distinção de qual público gostaria de atingir. Claramente que o público que assiste às novelas da Rede Globo, em seu grande número, não está interessado em vê algo sobre livros; da mesma forma que um ouvinte de determinado programa sertanejo de rádio não gostaria de ter sua música interrompida para saber indicações do que ler no momento. A mídia televisiva trabalha,

assim como as outras, com públicos-chaves, selecionando quem irá atingir. A mesma atitude se repete com os blogueiros/vlogueiros. São pouquíssimos que possuem uma variedade de títulos que alterem dos clássicos para os *best-sellers*. Geralmente sempre acontece a distinção das obras, o que de certa maneira, reforça os rótulos sociais e não amplia o gosto de seu leitor/telespectador.

Mas vejamos o posicionamento de mais dois dos participantes, aos quais, chamaremos de Leitor 10 e Leitor 11. Em suas declarações eles afirmam o seguinte sobre esse assunto:

Leitor 10: Vou englobar as 3 respostas em uma única. Sim é importante porém não tão eficaz pelo alcance que os blogs tem, tudo bem que a internet é um dos meios de comunicação e propaganda bastante eficazes porém acho que deveria ter uma motivação extra que incentive mais a leitura, por exemplo a divulgação por meio de propagandas na TV (que é o que as crianças e adolescentes mais assistem). O mesmo vale para a divulgação de trabalhos de livros e autores.

Leitor 11: É claro! A internet é o maior meio de comunicação de notícias e informações que temos hoje. Dificilmente você terá acesso a novidades, indicações de bons livros, e tudo o mais, em outro meio de comunicação, e eu acredito que os blogs/vlogs (juntamente com seus perfis em redes sociais) são os grandes disseminadores de informações sobre a literatura hoje em dia.

Vejamos que ambas as respostas concordam a todo instante sobre a falta de divulgação da literatura em meio às emissoras de TV, programas de rádio ou jornais estaduais. Algumas revistas voltadas para o público adolescente, atualmente, já aderem à divulgação, mesmo que mínima, de alguns livros, em grande parte, os livros que estão em ‘alta’ nas mídias cinematográficas. Claramente que esse fator das revistas *teen* trabalharemos com esse conteúdo já visa novamente à sedução de seu público-alvo. Os temas tratados na revista vão se adequando ao gosto desses adolescentes já que o objetivo da revista em si é vender. Quanto mais atrações ao agrado desse público ela possui, mas fácil será de atraí-lo para comprar.

Outra fala importante para se frisar é o nível de distinção que esse leitor de blogs/vlogs faz quando o assunto é resenha crítica ou indicação. Como se pronunciou o Leitor 9 anteriormente, “*Ver a opinião de um jovem como nós, após ler um livro, é mais confiável do que a propaganda de uma editora, que tem a missão de vender muito. Os blogueiros literários são filtros do que realmente é mais indicado para nós!*”. Observemos que esse filtro deve-se ao fator de que o teoricamente o blogueiro não deve

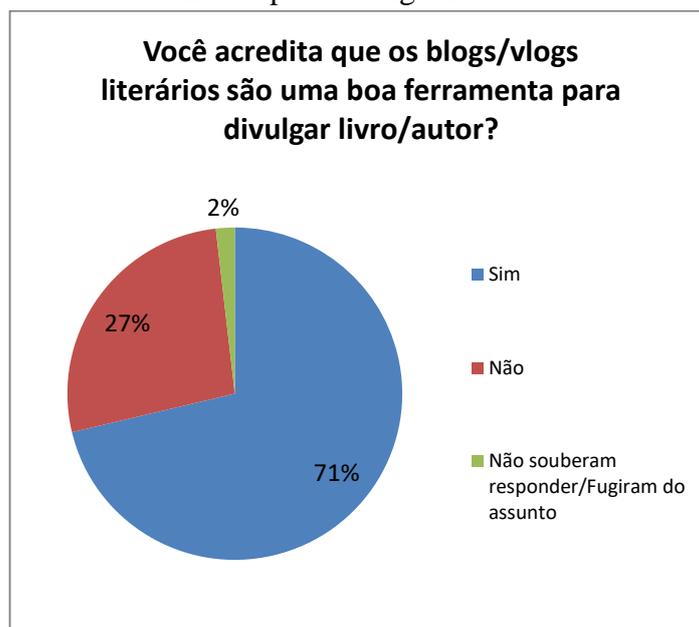
possuir vínculos próximos com essas empresas, e aos que levam a sério indicar bons livros, farão suas resenhas com sinceridade, embora nem todas, sejam positivas. Entretanto, assim como outros locais da sociedade, esse meio já está impregnado pelo mercado e os blogs/vlogs que nasceram no intuito de compartilhar apenas a leitura, tornam-se mais uma maneira de vender. As editoras notam a forte influência que esses jovens possuem sobre seu público e acabam por investirem mais neles. Em alguns casos, blogueiros/vlogueiros tornam-se apenas uma vitrine de determinada editora, mostrando lançamentos e mais lançamentos e esquecendo-se do principal que seria mediar o contato com obras de diferentes tempos ou gostos. Então, embora sua presença seja importante para a disseminação do gosto de ler, esse “filtro” citado pelo Leitor 9 possui suas ressalvas. Os blogs/vlogs se transformaram em uma forma de emprego também, e como tal, mais vale agradecer o chefe (editoras) para continuar recebendo seu salário (livros cortesias).

Não estamos querendo retirar a importância desses jovens, já que sua participação no meio literário tem despertado milhares de novos leitores, mas a questão torna-se preocupante quando esses novos leitores ficam presos apenas à opinião desses blogueiros/vlogueiro, de forma a só adquirir livros indicados por eles. É plausível comprar determinada obra porque alguém indicou, mas não se vê preso pelas indicações, e sim, tentar se aventurar em outros gêneros literários e levar em consideração sua opinião. Ter um filtro é bom, entretanto, às vezes, é preciso filtrar o filtro já existente.

Levando-se em consideração a experiência pessoal do leitor com o livro, em alguns casos, essas indicações podem não render o desejo pela compra da obra, entretanto, para cobrir esse ‘buraco’ que fica, de forma que o leitor internauta tenha variedade, os sites *Goodreads* e *Skoob* fornecem dados sobre a avaliação das obras, de forma que você consegue visualizar não só a opinião das pessoas sobre o livro, como também a nota que elas deram para ele, expandido o filtro e fornecendo o contato do leitor com as mais variadas visões que o livro despertou nas pessoas. Essa é uma boa aposta para não ficar preso no “filtro” citado pelo Leitor 9.

Destaca-se também que a grande parte dos entrevistados consideram os blogs/vlogs ótimas ferramentas para divulgar os autores iniciantes e seus títulos. Questionados especificamente sobre isso, chegamos ao seguinte gráfico:

Gráfico VII – Você acredita que os blogs/vlogs literários são uma boa ferramenta para divulgar livro/autor?

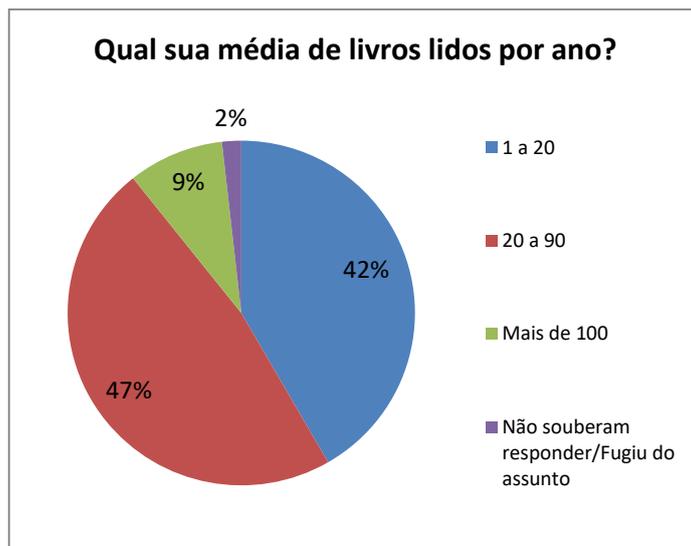


Fonte: Arquivo pessoal

A maior parte dos entrevistados, que se resumem a 196 participantes, acreditam sim, que esses blogs/vlogs são bons meios de divulgação para os jovens autores e seus livros. Prova disto é que um grande número desses autores fazem parcerias com os blogueiros/vlogueiros, às vezes, nem se importando muito com a opinião em si, mas pela visibilidade que o livro ganhará dependendo do tamanho de público que o canal ou site possua.

Levando-se em consideração todos os dados expostos até aqui, constatamos um bom crescimento de leitores no país, isso contando apenas com uma parte bem pequena da população que habita esse território. O Instituto Pró Livro teve uma visibilidade, claro, muito maior em sua pesquisa para descobrir se a leitura vem aumentando no Brasil. Os jovens e adultos hoje em dia consomem mais livros, ou pelo menos, possuem certo interesse de ao menos saber mais. Questionados de quantos títulos esses participantes leem durante um ano, chegamos aos seguintes resultados:

Gráfico VIII – Qual sua média de livros lidos por ano?



Fonte: Arquivo pessoal

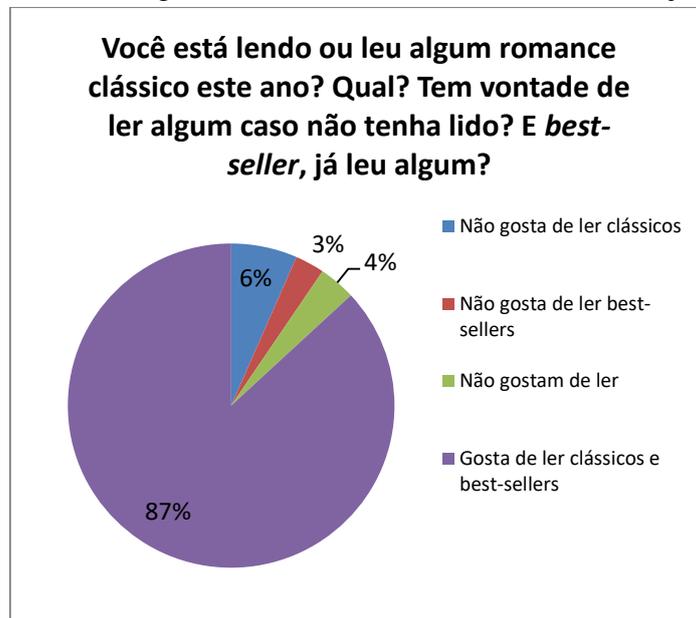
A maior porcentagem claramente está estacionada entre os 20 a 90 títulos por ano, um número alto e diferente do que os dados de reportagens que circulam geralmente trazem. Vagamente o brasileiro sempre é comparado a dois títulos ou três, no máximo, por ano. Evidentemente que essas pesquisas que relatam esses dados, não estão entrevistando realmente os adolescentes e jovens adultos, ou então não estão dando relevância a leituras como os *best-sellers*, o que nos parece novamente, uma maneira de censurar a voz dessa literatura tão circulada na sociedade, quando a ideia deveria ser contrária, ampliando seu alcance para que mais pessoas soubessem o quão positivo é ler e apreciar um livro.

Dados de vendas, dos mais variados títulos, crescem diariamente. Os investimentos das editoras em livros digitais aumentam, não só para facilitar o acesso, já que boa parte dos leitores ou brasileiros estão envolvidos com a tecnologia, como vimos em algumas das respostas dos participantes. As livrarias estão programando mais atrativos, trazendo autores, criando oficinas de leitura, encontro de fãs, de forma que o aumento de consumidores tem também se ampliado, e por fim, a distribuição desses livros nas escolas, que possuem bons acervos em grande parte, só não é aproveitada, assim como acontece com os livros canônicos. A literatura no geral, voltando para o ambiente escolar é defasada não pela falta do que ler, contudo pela disponibilização do professor de realmente arriscar a leitura.

Por fim pedimos aos participantes que respondessem uma última pergunta. Nela, questionamos se eles gostam de ler clássicos e ler *best-sellers* e pedimos para que

indicassem títulos que leram ou que gostariam de ler. O gráfico geral desses 275 entrevistados, sobre o gosto pela leitura, foi o seguinte:

Gráfico IX – Você está lendo ou leu algum romance clássico este ano? Qual? Tem vontade de ler algum caso não tenha lido? E *best-seller*, já leu algum?



Fonte: Arquivo pessoal

Confirmamos acima, que sim, novamente, diferentemente do que dizem, que os *best-seller* alienam os leitores, temos uma realidade bem diferente, onde cerca de 239 dos entrevistados, gostam de ler tanto *best-sellers* quanto clássicos, não os separando por rótulos, mas sim pelo simples prazer de ler um livro. Infelizmente, ainda 6% dos entrevistados não quer ler os canônicos, assim como outros 3% não consideram literatura de massa uma leitura. Tendo em mente esse pensamento, Sierakowski (2012) trás uma interessante passagem em seu trabalho:

Em suma, essas características mostram uma arte feita para o entretenimento, que, de acordo com os críticos, traz alienação a esse público consumidor, formado por uma massa uma acrítica – aliás, criada por esse sistema ideológico – capaz apenas de fruir essa arte em sua superfície. (SIERAKOWSKI, 2012, p. 36).

Os participantes com essa distinção de rótulos provavelmente enxergam os leitores com essa visão exposta pela teórica acima, separando-os. Esse conceito de leitor ficou evidentemente sem lógica, pelo menos, para esses 239 participantes que variam suas leituras entre os dois tipos sem encontrar qualquer objeção. A questão não está na estética que define bons e ruins, e menos ainda nos rótulos, mas sim na experiência pessoal do leitor e, claro, no seu gosto individual. Claramente que uma pessoa que não

gosta de livros de terror, não irá ter uma boa experiência se lê alguma obra do aclamado Stephen King. É justamente nesse momento que talvez o filtro, citado pelo Leitor 9 anteriormente, torna-se importante, já que deve teoricamente caber a esses blogueiros/vlogueiros determinar para o seus seguidores/inscritos se é realmente aquilo que ele está buscando para ler e se tal obra pode ser do seu agrado. O trabalho com a variedade facilita para que o leitor tenha esse leque de possibilidades, não se prenda a rótulos e busque aquilo que lhe convém mais. Como leitor, é importante saber que a propaganda feita pelas editoras e por determinados blogs/vlogs, seja de livros canônicos ou livros *best-sellers*, é duvidosa, já que a intenção é apenas vender, ou no caso dos blogueiros/vlogueiros, divulgar. E não é plausível dizer que só a literatura de massa é superficial e alienada, quando sabemos que esses pontos podem ser encontrados em livros clássicos também. Por exemplo, nem todo leitor de clássico é fã de Machado de Assis, um dos maiores representantes da nossa literatura, e nem todo livro machadiano cai no gosto do leitor. Essas questões de julgamento ou estética são muito subjetivas, podendo alterar constantemente de um leitor para o outro. Como essa crítica especializada ou tomada como *cult* ou ‘*intellectual*’, irá se inteirar dos livros mais vendidos para resenhá-los, se em grande parte do tempo eles fazem um julgamento prévio dessas obras, sem nem ao menos conhecê-la? Como bem coloca Abreu:

Mas a crítica erudita, em geral, não se interessa por leituras como a feita por essa jovem ou pelos leitores de Paulo Coelho, insistindo em caracterizar a leitura de *best Sellers* como escapismo, reiteração, alienação. (ABREU, 2006, p. 87).

A elite intelectual não está levando em consideração a leitura que os adolescentes e jovens adultos fazem. Eles apenas julgam pela sua própria experiência de leitura, quando evidentemente os alienados, da situação, podem ser eles mesmos, ou como bem coloca Sierakowski:

Se o meu corpus, a literatura de massa, é feita por uma maquinaria de ideologias que aliena, controla, domina o receptor, a massa, não podemos afirmar que o cânone também faz parte dessa maquinaria, mas é parte da maquinaria erudita, formadora de capital cultural, e que também funciona como uma ferramenta de dominação? (SIERAKOWSKI, 2012, p. 33).

Ferramenta de dominação é um bom termo para descrever essa imposição que os críticos eruditos colocam sobre a sociedade quando o quesito é leitura. É quase realmente um maquinário de exclusão, como se uma pessoa que não lê clássicos, não fosse boa o suficiente para se incluir socialmente aos chamados ‘*cults*’ ou apreciadores

da ‘boa literatura’. Já que está em alta falar sobre inclusão, então devemos incluir a literatura e seus leitores sem fazer distinção, para que todos tenham sua vez. Como bem coloca Abreu novamente:

A apreciação estética não é universal: ela depende da inserção cultural dos sujeitos. Uma mesma obra é lida, avaliada e investida de significações variadas por diferentes grupos culturais. segundo esses parâmetros [...] Nem todos, infelizmente, têm a mesma sensatez. Na maior parte do tempo, o gosto estético erudito é utilizado para avaliar o conjunto das produções, decidindo, dessa forma, o que merece ser Literatura e o que deve ser apenas popular, marginal, trivial, comercial. (ABREU. 2006, p. 80).

Um fator importante a se ressaltar é que os leitores atuais já não se importam mais com a visão desses eruditos, e por essa razão, muitas vezes não são considerados leitores. Erro fatal que os eruditos comentem. Desse último gráfico exibido, são, na realidade, os 87% que merecem destaque, de forma que se evidencia que o leitor pode sim ter um amadurecimento a ponto de apreciar ambas a literaturas, sem que uma menospreze a outra, convivendo, no tempo certo com seus gostos, liberdade e prazer por suas leituras.

Nessa mesma pergunta, pedimos, como mencionado acima, que os leitores sugerissem títulos de livros que são considerados clássicos e *best-sellers*, que eles tenham lido ou que queiram ler²⁶. Entre essa divisão, os títulos mais citados como *best seller* foram: *Harry Potter* e *Percy Jackson*, de forma que eles aparecem em quase trinta e cinco respostas dos entrevistados. Ambas obras já são quase consideradas ‘canônicas’ entre os leitores da literatura de massa, tornando-se quase que indispensáveis a leitura. Os fãs da saga do bruxo órfão já são tantos atualmente que escolas do Reino Unido já adotam a obra para estudar nos conteúdos de literatura. A febre nascida de uma breve história contada pela autora J.K Rowling ganhou proporções mundiais, e em seu país, o livro já é quase um clássico da literatura. Aqui no Brasil, esses *best-sellers* também foram adotados para as salas de aula como paradidáticos e embora grande parte dos livros estejam sempre lá, escondido nas prateleiras, de maneira que alguns professores não se empenham ao menos de tentar conhecer, é muitas vezes através deles que jovens iniciam no mundo da literatura, partindo dessas leituras não privilegiadas no ambiente escolar.

²⁶ A tabela com todos os títulos citados pelos entrevistados estão nos anexos deste trabalho.

O mesmo pode ser dito sobre *Percy Jackson* que hoje já circula pelas escolas públicas e particulares do país, também como paradidático. É possível encontrar esses mesmos títulos na tabela que conseguimos elaborar após a pesquisa realizada com os alunos de ensino fundamental²⁷. Lá, visualizamos não tantas respostas como no caso dos entrevistados pelo formulário da internet, mas sim, tanto *Harry Potter* quanto *Percy Jackson* aparecem entre as sugestões de leituras que fizeram ou que estão fazendo.

Ainda, iremos visualizar nas respostas outros títulos que aparecem com frequência, como: *A Culpa é das Estrelas*, *Jogos Vorazes*, *A Seleção* e entre outros, que parecem ter um público bem elevado no meio dos jovens.

Na pesquisa realizada pelo formulário, outro título se resalta: *Como Eu Era Antes de Você* (2013), livro que já foi citado neste trabalho, tendo ganhado sua adaptação nesse ano, teve um aumento de vendas bem considerável também. A adaptação despertou o interesse das pessoas pelo livro, de forma que os 275 entrevistados, 19 sugeriram a leitura ou mostraram interesse de conhecer. A busca pelas obras da autora Jojo Moyes foi tamanha, que a editora atual dos direitos, Intrínseca, que de 2012 a 2014, enquanto detinha os direitos da autora, só possuía três obras dela, dobrou seus lançamentos este ano. De 2015 a meados do final de 2016 a editora já publicou seis obras a mais da escritora, já tendo previsão de publicar outras para atingir a demanda dessa nova legião de fãs que vem se formando.

A situação ilustrada acima serve para comprovar que as adaptações nem sempre são uma figura ruim quando se trata de motivação a leitura. Na sociedade atual, para esses novos leitores, os filmes desses livros, são mais um atrativo e significado de que as obras escritas devem ser de qualidade. E devemos claro, levar em consideração, que as campanhas de divulgação das produtoras das adaptações são fortes, diretas e atingem um meio de comunicação que não se foca na literatura em si, ou em passar propagandas dos livros. Aqui no Brasil, são justamente esses filmes inspirados nos livros que levam as pessoas às livrarias ou sebos atrás das obras, já que seu conhecimento sobre o autor ou propriamente do material original, parte de sua experiência com o longa metragem.

No depoimento colhido durante a questão que circulou os grupos particulares do *whatsapp*, o Blogueiro 1 diz o seguinte:

²⁷ A tabela com esses dados também estará disponível nos anexos deste trabalho.

Blogueiro 1: Eu fui motivada a ler um dos clássicos que eu amo, que é tipo MEU AMORZINHO MESMO através de um filme, não de um livro. Eu li Fantasma da Ópera por que assisti ao filme e me apaixonei... Ai né. Mas eu posso dizer que os livros de época que eu li da editora Arqueiro me incentivaram a ler os livros de Jane Austen.

Vejamos que acima localizamos a prova de que as adaptações são de fato positivas para a motivação da leitura da obra. O filme não só levou o Blogueiro 1 a querer conhecer o livro, como também ampliou seu gosto literário, fazendo-o realizar a degustação de um clássico da literatura. Esse mesmo processo se repete quando se trata dos livros *best-sellers*. Vejamos o depoimento do Blogueiro 2, que questionado se algum filme/adaptação já o havia levado a querer ler a obra, respondeu:

Blogueiro 2: O filme As aventuras de Pi, pq foi um filme muito bom e o livro é melhor ainda.

Os *best-sellers*, atualmente, são o grande alvo desse público que se envolve nos filmes e resolve apostar na obra, prova disso não são apenas os números de vendas, mas também a quantidade de vezes que tal obra parece nas mídias ou nas redes sociais desses leitores. O Nielsen, site já citado neste trabalho, que fornece dados sobre as vendas de livros pelo país, postou uma lista de mais vendidos no mês de setembro de 2016, mais exatamente do dia 19 a 25, onde os títulos que aparecem no topo da lista são os seguintes:

Figura 5: Rank Top 10 – Semana do dia 19 a 25 de Setembro

1	Diário de Larissa Manoela	Larissa Manoela	Harpercollins Br	Ediouro & HarperCollins Brasil	Literatura Juvenil
2	Depois de Você	Jojo Moyes	Intrinseca	Intrinseca	Romance & Sagas: Estrangeira
3	O Orfanato da Srta. Peregrine para crianças peculiares	Ranson Riggs	Leya	Other Publisher Groups	Romance & Sagas: Estrangeira
4	Vade Mecum Saraiva (22ed/2016 - 2º Semestre)	Vários	Saraiva	Editora Saraiva	Direito: Livros Didáticos & Guias de Estudo
5	As Crônicas de Narnia - volume único brochura	C. S. Lewis	Wmf Martins Fontes	Editora WMF Martins Fontes	Literatura Juvenil
6	Como eu era antes de você	Jojo Moyes	Intrinseca	Intrinseca	Romance & Sagas: Estrangeira
7	O pequeno Príncipe (pocket)	Antoine De Saint-Exupery	Nova Fronteira	Ediouro & HarperCollins Brasil	Literatura Juvenil
8	Cidade dos etereos	Vários	Intrinseca	Intrinseca	Romance & Sagas: Estrangeira
9	Authentic Games - A batalha da torre	Marco Tulio	astral Cultural	Other Publisher Groups	Literatura Juvenil
10	Ta Gravando. E agora?	Kefera Buchmann	Paralela	Companhia das Letras	Biografias: Geral

Fonte: <http://www.nielsen.com/br/pt/top10s.html?ranking>

O site não faz distinção entre clássicos ou *best-sellers*. Eles acrescentam nessa lista os livros que estão sendo mais aclamados pelo público brasileiro. O que primeiro podemos notar nessa lista é a presença de obras que surgem de personalidades que estão em alta nas mídias, como é o exemplo da atriz juvenil Larissa Manoela, que interpreta atualmente a protagonista de uma novela infantil, batendo o *rank* de primeiro livro mais vendido; ou então no caso da vlogueira Kefera Buchman, que ocupa a décima posição na lista com seu livro *Ta, Gravando. E Agora?* Essas personalidades do *youtube* ou da televisão também se tornam uma motivação para atrair o público mais jovem para os livros.

Agora observemos que ocupando a sexta posição está o livro *Como Eu Era Antes de Você*, romance que ganhou adaptação para os cinemas no mês de junho de 2016. A obra esteve em alta durante todo ano, tendo aumentando seu consumo justamente por causa do filme e das propagandas investidas à ela, tanto pela produtora do longa, quanto pela editora detentora de seus direitos nacionais. Veja também, que outra obra da autora aparece na lista, em segunda posição, *Depois de Você* domina as vendas como continuação do primeiro romance da autora Moyes a ir para o cinema e vai expandido o número de livros da autora que o público leu ou está lendo.

O mesmo fator acontece quando avaliamos a obra *O Orfanato da Srta. Pelegrine para Crianças Peculiares* (2012). O livro também ganhou adaptação em 2016, mais exatamente no dia 29 de setembro de 2016, quando houve a estreia oficial do longa metragem. A obra já havia sido publicada aqui no Brasil pela editora Leya desde 2012, mas devido a pouca vendagem ou divulgação, a editora não chegou a publicar as continuações. Com a aproximação da adaptação, juntamente com a notícia de que o longa seria dirigido por Tim Burton, grande nome dos cinemas, a editora republicou uma nova edição da obra em 2015, mas ainda sim, não percebeu tanto interesse dos leitores e por isso não se arriscou a lançar suas continuações. Erro fatal para a Leya que acabou perdendo os direitos de publicação para a editora Intrínseca, que em 2016, antes da chegada do filme, já havia lançado os dois livros que dão sequência a trilogia, e ainda, investido em uma antologia de contos, livros extra da série. O sucesso não poderia ser maior. A busca comprova-se com a permanência do livro em listas de mais vendidos desde agosto de 2016. No próprio site do Nielsen, o título já aparecia desde o final do mês de agosto, em uma posição baixa, mas conforme o filme foi se aproximando, foi aumentando, chegando ao posto de terceiro mais vendido no país.

Visualizamos que devido à proximidade do lançamento do filme, o segundo volume da série, *Cidade dos Etereos*, assume a oitava posição na lista, subindo no *rank* de um mês para o outro. A obra atraiu o público não só por se tratar de uma continuação de um livro que estava em alta, como também pela edição em capa dura que a editora Intrínseca publicou. Tocamos aqui em mais um ponto importante para a atração dos leitores: qualidade no formato dos livros. Engana-se faltamente as editoras ou pessoas que acham que os leitores, por mais desinformados que sejam não observam o material que estão comprando; não só observam como também são exigentes quanto a isso. Como bem coloca Abreu:

Estamos tão habituados a pensar na literariedade intrínseca de um texto que temos dificuldade em aceitar a idéia de que não é o valor interno à obra que a consagra. O modo de organizar o texto, o emprego de certa linguagem, a adesão a uma convenção contribuem para que algo seja considerado literário. Mas esses elementos não bastam. A literariedade vem também de elementos externos ao texto, como nome do autor, mercado editorial, grupo cultural, critérios críticos em vigor. (ABREU, 2006, p. 41).

Podemos constatar que não é o valor interno da obra que faz o leitor ser atraído por ela, pelo menos, não os novos leitores, mas também os elementos externos. Pensem, por exemplo, que na visão de um comprador que está passando em uma vitrine e se depara com uma edição capa dura e uma edição brochura, claramente sua atração pelo de capa dura será muito maior. A mesma coisa acontece para um leitor que se depara com um livro que tem uma capa totalmente em branco, e mais a frente vê uma detalhada, com desenhos, cores mais quentes e vivas. Claramente que a visão desse livro será mais atrativa do que o outro. Fatores simples, como até mesmo, a posição do livro na vitrine (se ele está em destaque ou não), podem modificar a decisão final do leitor comprador.

Abreu coloca em pauta outro detalhe importante para se ressaltar:

Faz toda diferença, portanto, saber quem é o autor, ou seja, o fato de haver uma assinatura, ainda que discreta, no verso da obra, muda tudo. A assinatura confere autoria à obra e a inscreve em uma convenção a partir da qual os críticos e o público especializado olham para ela. (ABREU, 2006, p. 45).

Essa situação de saber quem é o autor ou a posição de críticos sobre a obra é também relevante para esses novos leitores. Razão de que a maioria desses livros *best-sellers* trazem no verso ou na orelha recomendação de outros autores de nome ou

prestígio no meio editorial. No próprio exemplar de *O Orfanato da Srta. Pelegrine para Crianças Peculiares*, edição da editora Leya, localizamos, na contracapa, recomendação de autores como Rick Riordan, que possui uma legião de fãs com sua série literária, *Percy Jackson e os Olimpianos*, e também de John Green, aclamado escritor adolescente da *A Culpa é das Estrelas*. Some mais algum status a esse livro trazido pela seguinte declaração de Tim Burton “*vocês tem certeza de que não fui eu quem escreveu esse livro? Parece algo que eu teria feito.*”. Compreenda que apesar de jovens, esses novos leitores buscam indicações sobre as obras que consomem, reparando nos mais mínimos detalhes. O visual do livro é sua propaganda e também é uma maneira de cativar o leitor, aderindo-se assim o velho ditado de ‘comprei pela capa’.

São os mais inusitados aspectos que levam esses leitores a comprarem os livros. As campanhas dessas obras que estão virando filme não só estampam as redes sociais, com quem eles estão em constante acesso, como também a leitura desses livros prolifera muito mais nos blogs/vlogs que eles possam acompanhar, e como vimos no último gráfico, uma boa parte é influenciada a conhecer os originais apenas visualizando uma resenha de um blogueiro ou vlogueiro. Claro que não apenas isso também. Na resposta do Blogueiro 1 temos um posicionamento interessante: “*Mas eu posso dizer que os livros de época que eu li da editora Arqueiro me incentivaram a ler os livros de Jane Austen*”. A editora Arqueiro possui um catálogo bem misto quando se trata de obras que remetem aos romances de época. Uma das grandes representantes nesse grupo editorial é Julia Quinn, aclamada autora de *best-sellers* que já vendeu milhões tanto no Brasil quanto fora dele. Tendo um clima parecido com as obras de outra representante forte do clássico internacional, esse amor por esse tipo particular de gênero literário, leva, em grande parte, as leitoras a consumirem também as obras da Jane Austen, aclamada autora clássica muito divulgada e comentada nas redes. Os títulos da autora são tão comprados e lidos que nem parecem que são livros clássicos, com uma linguagem muito mais rebuscada e complexa do que as obras de Quinn. O fato da identificação com as personagens femininas e diferentes de Austen leva as meninas/mulheres a se identificarem com seus dilemas, de forma que suas obras sejam sempre apreciadas. Prova disso se mostra quando partimos para a lista que solicitamos aos entrevistados da pesquisa online. O romance *Orgulho e Preconceito* surge em 14 respostas, e não só isso. Jane Austen é a autora mais pedida ou comentada no quesito de autores que os entrevistados citaram, de forma que a sugestão a leitura de seus títulos surge cerca de 5

vezes. Na página do *Skoob*²⁸ o romance é tão amado que o número de leitores que leram a obra já bate a marca de 50.317 só em território nacional. Nessa mesma página já temos a marca de 24. 867 ainda querendo lê-lo. Então, eis a questão, prega-se que os adolescentes não leem clássicos, quando na verdade, eles consomem muito mais do que esses críticos da alta sociedade intelectual, costumam comentar.

Na lista, não apenas esse título da autora aparece, como também outros, a exemplo de: *Emma*, que surge em 5 respostas, *Persuasão* que surge em 3 respostas e *Razão e Sensibilidade*, que aparece em 2 respostas. No próprio depoimento do Leitor 12, esses mesmo títulos foram indicados como lidos.

Mas esses não são os únicos clássicos que permeiam a lista de títulos sugeridos pelos entrevistados. Títulos como *Dom Casmurro*, *O Retrato de Dorian Grey*, *O Morro dos Ventos Uivantes*, *Cem Anos de Solidão*, *Hamlet*, *O Pequeno Príncipe*, *Senhora e Grande Sertões Veredas* surgem mais do que outros best-sellers entre as obras lidas.

Visualizamos novamente a mediação entre as leituras para esses leitores, de maneira que mesmo consumindo literatura de massas, isso os leva também a consumir livros mais canônicos e diferentes, de forma que seu gosto fique variado. Dessa forma, concordamos totalmente com a declaração de Carrasco:

Discordo da concepção de que um leitor só se forma a partir de livros “bons”. A experiência da leitura é sólida quando proporciona um contato emocional intenso. (CARRASCO, 2016, p. 51).

Quando o leitor se identifica com os dilemas na trama ou do personagem, quando a escrita lhe atrai, quando está no momento certo para tal leitura, o livro flui sem que ele precise ser rotulado entre bom ou ruim. Tais classificações só cabem inteiramente no julgamento de quem o estiver lendo naquele instante. Essa visão preconceituosa e extremamente atrasada de que os *best-sellers* vieram para acabar com os ‘bons costumes de uma tradição literária’ é totalmente errônea, quando temos tantas provas que apontam ao contrário. Se tantos gráficos aqui estampando não serviram para comprovar, a declaração do Blogueiro 3 com certeza será de muita serventia. Em seu depoimento ele alega o seguinte:

Blogueiro 3: Acho q se hoje eu ja li / leio clássicos é por causa do habito de leitura que adquiri lendo best sellers. Eles que foram

²⁸ Dados retirados do site <https://www.skoob.com.br/livro/819ED1064>

fazendo aumentar meu gosto e me aprimorar na leitura. Tipo Percy Jackson me levou a ler clássicos como Edipo Rei e Troia.

A exclusão desses livros mais vendidos não afeta apenas uma grande porcentagem de autores que vivem ou dedicam-se a esse trabalho, mas também um número imensurável de leitores que apreciam esses livros e não os desmerecem por seu status de literatura de massa. Quando se impede um *best-seller* de ter vez em sala de aula, o professor acaba por calar um grupo que pode cativar-se por tais obras. O que se precisa enxergar é que esses livros, tanto canônicos quanto *best-sellers*, não estão disputando para descobrir quem é o melhor, pelo contrário, estão se movimentando juntos, para que a meta final seja realmente a apreciação da literatura. Então, o que fica evidenciado é que o Brasil não é um país de não leitores; existem muitos leitores e, apesar de não serem números que gostaríamos que fossem, o pouco que se tem esforçam-se para conseguir novos amigos com quem compartilha seu gosto pela leitura, seja através de um blog ou de uma conversa mais informar por mensagens do *facebook* ou *whatsapp*. Claro que se consome menos clássicos do que *best-sellers*, mas é como já colocamos neste trabalho: vivemos em épocas diferentes, pessoas diferentes e uma nova onda de livros chega a mãos desses leitores a cada novo dia. Reforço à ideia de que ao invés de criticar livros tão marginalizados pela elite intelectual, devia-se na realidade agradecê-los, pelo excelente trabalho de despertar a paixão pela leitura, afinal, para o professor leitor, o que importa é ver seus alunos lendo; e para uma sociedade de não leitores, o que vale é o aumento de consumidores de livros e não quais tipos de livros eles vão ler/consumir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a nossa análise das entrevistas feitas com os leitores (pesquisa de campo), confirmarmos o que já havia sido proposto em nossos objetivos, isto é, constatamos que há interação e diálogo entre os mais diversos gêneros literários, do cânone ao *best-seller*, principalmente, porque leitores aproximam essas leituras. Além disso, vimos que a premissa de que o brasileiro não lê é inválido, pois também podemos confirmar nessa pesquisa (bibliográfica e de campo) que somos um país de leitores, mesmo que não tenhamos chegado a patamares de outros países; talvez os leitores não leiam o que seria realmente esperado, mas a situação de leitura no Brasil tem mudado muito desde a propagação em massa dos *best-sellers* em nosso mercado editorial. Obras como os já consagrados *Harry Potter* (2000) e *Percy Jackson* (2008) são muito que importantes para motivar os adolescentes ou pré-adolescentes que ainda não se arriscaram no âmbito literário. A ideia que defendemos ao longo de todo este trabalho é realmente compartilhar espaços, tanto em casa quanto na escola, entre livros considerados canônicos e livros de massas; não se prender a rótulos, mas sim, ao gosto pessoal desse leitor, que vai se tornando mais seletivo conforme sua maturidade vai desenvolvendo-se.

Outro ponto importante demonstrado ao longo desse trabalho é o poder que esses blogueiros/vlogueiros possuem em mãos. Sua chegada e influência na vida dos jovens trouxe um novo conceito para o ato de ler e uma forte ferramenta de estímulo para a leitura, seja ela vista como boa ou má, dependendo sempre da fidelidade e consciência que esses críticos da internet possuam para com seus leitores. Levando-se em consideração o lado mais positivo, o fator de interação com os novos leitores é de suma importância justamente porque esses blogueiros/vlogueiros não se prendem aos rótulos, motivam outras pessoas a lerem os livros que lhe agradaram e criam uma rede interminável de comunicação entre os mais variados leitores. O público que antes apenas lia, hoje também escreve e compartilha suas impressões sobre a leitura com outros leitores. Claramente que estamos longe de desvincular ou liquidar esse preconceito existente. O que propomos é seriedade desses blogueiros/vlogueiros na hora de julgar um livro, e também, maior inclusão dessas literaturas dentro da escola, de forma que o professor também motive seus alunos a variá-las.

Durante todo este trabalho, debatemos uma questão que permeia a sociedade há muito tempo atrás: o preconceito literário que está presente nas mais variadas esferas sociais, partindo tanto dos leitores das obras canônicas, que se julgam um *status* acima dos leitores de *best-sellers*, quanto dos leitores de *best-sellers*, que generalizam todos os clássicos como “ruins” ou “livros chatos”. Vivemos abertamente em um mundo recheado dos mais variados preconceitos; a todo instante diversos movimentos se manifestam pelo mundo, em busca de ter suas vozes ouvidas e seus direitos respeitados. Esses mesmo movimentos também permeiam a literatura, sendo abordados nos mais variados títulos, tanto clássicos quanto de literatura de massas. O que não se preza, em meio a tanto desrespeito ou briga de oposições, é justamente a liberdade de escolha que cada leitor tem para selecionar aquilo que se encaixa melhor em seu perfil, ou observar a relevância da experiência de leitura que um pode ter de diferente do outro.

Assim como qualquer outro mercado, o editorial não segue uma organização diferente. As editoras planejam suas publicações de acordo com grupos, que são seletivamente avaliados por seus responsáveis no departamento de logística ou marketing. A esses grupos são destinados diferentes títulos. Cabe a cada leitor localizar o que melhor se encaixa no seu gosto pessoal. Assim, como uma experiência vivida na observação de um quadro, que pode emocionar a alguns ou decepcionar a outros, a literatura e todo tipo de arte tem essa característica de tocar o mais íntimo do ser humano e gerar essa ambiguidade dependendo de que toca. Esse fator é de total importância e conta quando determinarmos a qualidade de uma obra; se ela boa ou ruim. O que a elite intelectual ou os críticos literários de renome não levam em questão, são esses aspectos, avaliando o livro no seu mais superficial, trazendo como maneiras de elencar qualidade, no próprio texto escrito, em uma escolha diferente de narrador ou em um personagem marcante. Não se observa que o leitor, aquele, deitado em sua cama, ou sentado em seu sofá, apreciando determinado *best-seller*, também pode estar vivendo uma emocionante leitura, que toque seu coração, faça-o disparar, ou ainda, torne aquela obra totalmente especial e indispensável. Como bem coloca Carrasco:

Insisto. Para se formar um leitor, é preciso que o livro se torne presente na sua memória afetiva. Como aconteceu comigo. Todas as outras coisas acontecerão em um processo de formação e evolução, sem sobressaltos. A não ser as causadas pelas intensas experiências emocionais e pelos questionamentos que nos proporciona a literatura. Forma-se uma conexão. Provo. Ainda hoje, cada vez que abro um livro novo e sinto aquele cheirinho de papel, vem um sentimento cálido, com ecos da minha infância e adolescência. Não é apenas um

livro. Mas uma parte boa da minha vida, ali presente. O livro para mim não é apenas um objeto. É um ser vivo. Um amigo pronto para me conduzir por meio de suas páginas para uma nova experiência existencial, que terei prazer em compartilhar. (CARRASCO, 1999, p. 56).

Batemos nessa tecla durante todo o decorrer deste trabalho. Acreditamos e confiamos na liberdade de escolha que o leitor deve ter na hora de ler um livro. E ele não deve se menosprezado pela sua escolha. Em um vídeo interessante do vlog Cabine Literário, o integrante Guto, debate o quesito do julgamento que alguns leitores fazem sobre as leituras de outros. Lá, ele cita uma obra consagrada na literatura. Já no século XIX, falava-se desse preconceito existente com a literatura de massas. Para exemplificar que a temática é antiga, o vlogueiro questiona os posicionamentos feitos pelo personagem principal da obra *Viagens a Minha Terra*, de Almeida Garret. A mesma postura adotada pelo protagonista de Garret, ainda é visível em uma sociedade dada como democrática e de mente aberta, respeitosa das diferenças. As mídias são ferramentas importantes na sustentação dessa visão arcaica sobre os livros. É justamente pelo mal emprego dado a certos títulos ou a propaganda exagerada fornecida a outros, que cria-se, enraíza, essa denominação de “sem qualidade, sem conteúdo, entretenimento”, para qualquer *best-seller*. Quando confrontados pela realidade desses novos leitores, consumidores dessa literária atual, vislumbramos que nem tudo é preto sob o branco, e que as questões e méritos de certos livros, são realmente merecidos; livros de massas, que ao nosso vê, deveriam ser apreciados como ‘altas literaturas’, e não apenas pura diversão. Um bom exemplo é a quantidade de obras literaturas para jovens que centralizam mulheres como grandes heroínas. Esses livros já mostram uma temática extremamente importante, aderindo a igualdade social e reforçando ideias já apresentadas pelos movimentos feministas.

Existem livros ruins? Existem livros mal escritos? Existem livros sem conteúdos? Como demonstramos ao longo desse trabalho, não, levando-se em consideração que cada leitor tem sua própria experiência com uma obra, ou seja, esse mérito de julgamento é constantemente modificado dependendo de um leitor para o outro. A ideia é não universalizar sua experiência, mas sim, tornar-se aberto a aceitar que em outros casos, com outros leitores, a mesma obra, pode ter muito mais a oferecer do que ele enxergou. E não que isso o faça ser menos merecedor de tal status ou literatura, pelo contrário, prova-se apenas, que aquele talvez não fosse um livro para ele;

ou que determinado momento, em que a leitura foi realizada, não era o certo, pelo menos, não para a pessoa em específico.

Fortificamos o ideal de Carrasco (1999) de que um livro atrai o outro. As leituras vão amadurecendo, pedindo novos esforços desse leitor, de forma que evidentemente o gosto que ele possuía, a digamos, aos dez anos, não será o mesmo que ele possuía aos vinte. Assim como o corpo, a literatura passa, juntamente conosco, por transformações, modificando nossas crenças, visões e gostos. O papel da escola, nesse sentido, em especial, do professor, deveria ser manter uma mentalidade aberta, variada, e não sufocar seus alunos com o tradicionalismo e a leitura imposta dos canônicos. Não é forçando os alunos a conhecerem Machado de Assis que se chegara ao objetivo final de compartilhamento pelo gosto de ler. Apostamos em um trabalho contínuo, onde esses alunos deveriam ter contatos com livros desde os anos iniciais na escola; e não só clássicos, mas também fornecer espaços para a leitura de contemporâneos e *best-sellers*. Essa mesma crítica que fazemos aos ensinamentos iniciais, empregam-se também as academias universitárias, que muitas vezes, desmotivam seus futuros graduandos/mestrandos/doutorandos, com essa visão fechada de literatura. Mesmo na universidade, local onde essa discussão entre bons e ruins deveria ser desfeita, ainda prega-se, por alguns professores, que o canônico é a literatura de importância.

O fator principal a se tocar é que o preconceito deve ser desfeito por nós, e não só em aceitar o gosto do outro, entretanto, em também tentar conhecer. Se você teve uma má experiência com determinado *best-seller*, não generalize, tente outros. O mesmo se aplica aos clássicos. Generalização não é uma opção para nenhum dos lados. Na realidade, nem ao menos deveria existir lados. Em uma sociedade que ainda está distante de números ideais para a leitura, e que se reclama por isso, esqueça os rótulos e foque apenas em expandir a doce sensação que a leitura de um livro pode trazer. E como bem coloca Abreu (2006) “*Portanto, a qualidade estética não está no texto, mas nos olhos de quem lê*”. Para concluir, registramos a fala interessante do vlogueiro do canal Cabine Literária, transcrita diretamente do vídeo publicado no youtube que exemplifica todos os quesitos já citados anteriormente neste trabalho. Ele diz:

Mas da mesma forma que eu gosto desses livros, gosto de Harry Potter, gosto de Guerra dos Tronos, eu gosto de Kafka, eu gosto de Dostoiévski, gosto de Jorge Amado, da Clarisse. Enfim, você pode ter os dois, entendeu. Eu não sei por que as pessoas tem essa ideia de que se você lê um livro não pode ler o outro. No mundo ideal, ninguém vai

precisar fingir que leu um livro [...] Nesse mundo ideal, ninguém vai precisar esconder que gostou de um livro que foi escrito só por entretenimento, ou então, ninguém precisaria limitar seu tempo de leitura só em casa, porque se você lê o seu erótico em público, as pessoas vão ficar “Ihh, ela é piranha hein! Essa daí não presta não”. E por fim, quando alguém dissesse assim: “Eu não gostei desse livro”, e fosse um clássico, você não ia falar: “É, realmente, esse livro é pra poucos. É por isso que ce não gostou.”. Sabe, eu quero um lugar onde as pessoas possam ler os livros que elas querem e terem as suas opiniões sem ninguém falar assim: “Ah, você não entendeu ou então você não é bom o suficiente para esse livro”. [...] O importante é que tem livros para todo tipo de gente [...] Eu acho que os leitores mais experientes deveriam ajudar e conversar com os leitores novos, como um irmão mais velho que ajuda o irmão mais novo, sabe. Então, se você lê livros clássicos ou os livros que foram importantes ou são importantes ainda, e você se acha o rei da cocada preta, saiba que você não é [...] Parem de julgar as leituras das pessoas. Vamos lê, galera [...] As pessoas precisam ler de tudo, de tudo que elas quiserem. (GUTO, 2015).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *Cultura Letrada – Literatura e Leitura*. São Paulo – SP. Editora Unesp, 2006

ABREU, Márcia (Org). *Coleção História de Leitura, – Leitura, História e História da Leitura*. Fapesp. Campinas - SP. Editora Mercado das Letras, 1999.

CHARTIER, Roger. Capítulo: *As Revoluções Da Leitura No Ocidente* in: ABREU, Márcia (Org) *Coleção História de Leitura, – Leitura, História e História da Leitura*. Fapesp. Campinas - SP. Editora Mercado das Letras, 1999.

MINDLIN, José. Capítulo: *O Bibliófilo e a Leitura* in: ABREU, Márcia (Org), *Coleção História de Leitura, – Leitura, História e História da Leitura*. Fapesp. Campinas - SP. Editora Mercado das Letras, 1999.

CADEMARTORI, Lígia. *O Professor e a Literatura – para pequenos, médios e grandes*. São Paulo – SP. Editora Autêntica, 2009.

CALVINO, Italo. *Por que Ler os Clássicos*. São Paulo – SP. Editora Companhia das Letras, 1993.

CARRASCO, Walcyr. Capítulo: *A História de uma paixão – De leitor a autor* in: FAILLA, Zoara (Org). *Retratos da Leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro – RJ. Editora Sextante, 2016.

COLLINS, Suzanne. *Jogos Vorazes*. Rio de Janeiro – RJ. Editora Rocco Jovens Leitores. 2010.

FAILLA, Zoara (Org). *Retratos da Leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro – RJ. Editora Sextante, 2016.

FURTADO, Magda. Capítulo: *Clássicos ou Contemporâneos? A Mediação da Escola na Formação do Leitor* in: PAULINO, Graça e COSSON, Rildo (ORG). *Leitura Literária – A Mediação Escolar*. Belo Horizonte - MG. Editora Faculdade de Letras UFMG – 2014.

GREEN, John. *A Culpa é das Estrelas*. Rio de Janeiro – RJ. Editora Intrínseca, 2013.

HALSEN, João Adolfo. Capítulo: *Leituras Coloniais* in: ABREU, Márcia (Org) *Coleção História de Leitura, – Leitura, História e História da Leitura*. Fapesp. Campinas - SP. Editora Mercado das Letras, 1999.

KINNEY, Jeff. *Diário de um Banana*. São Paulo – SP. V&R Editoras, 2008.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: Leitores & Leitura*. São Paulo - SP. Editora Moderna, 2001.

MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. São Paulo – SP. Editora Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Kelly Cristina Costa. SOUZA, Renata Junqueira de. *Literatura em Sala de Aula: o Duélio Entre Metodização do Ensino da Leitura e os Desafios das Práticas de Letramento*. 2013. <

<http://www.aems.edu.br/conexao/edicaoanterior/Sumario/2013/downloads/2013/3/70.pdf>
f> Acesso no dia 06 de Janeiro de 2015.

MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. Rio de Janeiro – RJ. Editora Intrínseca, 2008.

MORAIS, Márcia Marques de. *Ensino De/Com Literatura: Objetivos E Desafios*. PUC Minas. 2012.

MORAIS, Bárbara. *A Ilha dos Dissidentes*. Belo Horizonte – MG. Editora Gutenberg, 2013.

MORATO, Gabriel e INOUE, Marcos. *Red Luna – A Biblioteca do Czar*. Belo Horizonte – MG. Editora Gutenberg, 2013

MOYES, Jojo. *Como Eu Era Antes de Você*. Rio de Janeiro – RJ. Editora Intrínseca, 2013.

PAULINO, Graça. COSSON, Rildo (ORG). *Leitura Literária – A Mediação Escolar*. Belo Horizonte - MG. Editora Faculdade de Letras UFMG – 2014.

RIGGS, Ransom. *O Orfanato da Srta. Peregrine para Crianças Peculiares*. São Paulo – SP. Editora Leya, 2012.

RIORDAN, Rick. *Percy Jackson e os Olimpianos – O Ladrão de Raios*. Rio de Janeiro – RJ. Editora Intrínseca, 2008.

RIORDAN, Rick. *Percy Jackson e os Olimpianos – O Mar de Monstros*. Rio de Janeiro – RJ. Editora Intrínseca, 2009.

SEGABINAZI, Daniela Maria. *Educação Literária e a Formação Docente: Encontros e Desencontros do Ensino de Literatura na Escola e na Universidade do Século XXI*. UFPB. João Pessoa. 2011

SIERAKOWSKI, Ana Paula de Castro. *Literatura De Massa E Formação Do Leitor: O Letramento De Receptores Da Saga Crepúsculo Do Papel Às Telas*. Maringá – PR. Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2012.

TODD, Anna. *After*. São Paulo – SP. Paralela, 2014.

VILELA, Letícia. *A Profecia de Samsara*. Belo Horizonte – MG. Editora Gutenberg, 2014.

SITES CONSULTADOS:

G1: <http://g1.globo.com/>

Publishinews: <http://www.publishnews.com.br/>

Livraria da Folha: <http://livraria.folha.com.br/>

Nielsen: <http://www.nielsen.com/br/pt.html>

Veja: <http://veja.abril.com.br/>

Estante Virtual: <https://www.estantevirtual.com.br/>

Minha Vida Literária: <https://www.youtube.com/channel/UC9a8c2-uExUvyokwA2fT2OA>

All About The Books:

<https://www.youtube.com/channel/UCM7bOf9eTwuFXxJ4DXSPv7g/>

Tiny Little Things: <https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin/>

Pam Golçalves: <https://www.youtube.com/user/TvGarotait/>

Cabine Literária: <https://www.youtube.com/user/cabineliteraria/>

Histórias de Papel: <http://historiasdepapel.com.br/>

Skoob: <https://www.skoob.com.br/>

Goodreads: <https://www.goodreads.com/>

Whattpad: <https://www.wattpad.com/>

ANEXOS

ANEXO 1 – PERGUNTAS DA PESQUISA NA ESCOLA

- 1- Como foi o seu primeiro contato com a leitura? Qual foi seu primeiro livro?
- 2- O que você está lendo de literário no momento?
- 3- O que você gosta de ler?
- 4- Você conhece a série de livros “O Diário de um Banana”? Se sim, qual volume da série que você mais gosta e qual o motivo da sua escolha?
- 5- Ao ler um livro, o que lhe chama mais atenção: os personagens, o humor, a história, a linguagem, as imagens ou outros?
- 6- Você gosta de histórias em quadrinhos? Se já leu alguma, quais foram?

ANEXO 2 – PERGUNTAS DO FORMULÁRIO DA INTERNET:

- 1- Qual seu sexo
- 2- Qual sua idade
- 3- Você tem o hábito de acessar algum blog/vlog literário para conhecer lançamentos de livros? Se sim, com que frequência?
- 4- O que você mais gosta de ler em um blog, ou ver em um vlog literário?
- 5- Qual sua média de livros lidos por ano?
- 6- Você está lendo ou leu algum romance clássico este ano? Qual? Tem vontade de ler algum caso não tenha lido? E bestseller, já leu algum? Cite o nome de dois bestseller que leu e gostou.
- 7- Alguma resenha/dica de livro em blogs/vlogs literários já te influenciou a comprar um livro?
- 8- Você acredita que os blogs/vlogs literários são importantes para motivar a leitura no país? É uma boa ferramenta para divulgar livro/autor? Se sim, porque?

ANEXO 3 – LISTA DE LEITURAS DOS ALUNOS DA ESCOLA ARUANDA DO 6º ANO

6º A

COMO FOI SEU PRIMEIRO CONTATO COM A LEITURA? QUAL FOI SEU PRIMEIRO LIVRO?	
Os Três Porquinhos	3 alunos
Chapeuzinho Vermelho	7 alunos
Turma da Mônica	1 alunos
Diário de um Banana	7 alunos
Sexo fora de casa	1 aluno
O Pequeno Príncipe	2 alunos
Bíblia	1 aluno
O Pequeno Polegar	1 aluno
A Casa da Colina	1 aluno
João e Maria	1 aluno
Gibi (não especificado)	1 aluno
O Diário de uma Garota Nada Popular	1 aluno
O Herói Perdido	1 aluno
Percy Jackson e os Olimpianos	1 aluno
A Bruxinha da Bolha	1 aluno

O QUE VOCÊ ESTÁ LENDO NO MOMENTO?	
Os Vingadores	1 aluno
Diário de uma Garota Nada Popular	6 alunos
Diário de um Banana	7 alunos
Garfield	1 aluno
O Skatista e a Ribeirinha	1 aluno
Gibi (não especificado)	1 aluno
Dak Diarier	1 aluno
O Ciclista	1 aluno
Meu Pai Sabe Voar	1 aluno
O Pequeno Príncipe	1 aluno
A Casa da Colina	1 aluno
“Alcool: é ou não droga?”	1 aluno
101 Dálmatas	1 aluno
El Chupacabra	1 aluno
Percy Jackson e o Ladrão de Raios	1 aluno
Pegasus	1 aluno
A Seleção	1 aluno
Coração de Tinta	1 aluno
De que Tribo eu Sou	1 aluno
A Pirâmide Vermelha	1 aluno

O QUE VOCÊ GOSTA DE LER	
Diário de um Banana	8 alunos
Comédias (não especificado)	1 aluno
Gibis da Mônica	1 aluno
Livros como diário (não especificado)	1 aluno

Casa do Horrores	1 aluno
Terror	3 alunos
Gibi (não especificado)	3 aluno
Ação (não especificado)	2 alunos
Suspense (não especificado)	1 aluno
Ficção (não especificado)	1 aluno
Aventura (não especificado)	4 alunos
Segredos	1 aluno
Amor (não especificado)	1 aluno
Vampiros (não especificado)	1 aluno
Revistas (não especificado)	1 aluno

VOCÊ CONHECE A SÉRIE DE LIVROS “DIÁRIO DE UM BANANA”? SE SIM, QUAL VOLUME DA SÉRIE QUE VOCÊ MAIS GOSTA E QUAL O MOTIVO DA ESCOLHA?

Volume 1	Volume 2	Volume 3	Volume 4	Volume 5	Volume 6	Volume 7	Volume 8	Volume 9	Todos
3	5	1	3	2					2

AO LER UM LIVRO, O QUE LHE CHAMA MAIS ATENÇÃO: OS PERSONAGENS, O HUMOR, A HISTÓRIA, A LINGUAGEM, AS IMAGENS OU OUTROS?

Humor	Personagens	História	Linguagem	Imagens	Outros	Todos
14	8	9	2	11	0	1

VOCÊ GOSTAR DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS? SE JÁ LEU, QUAIS FORAM?

Três Porquinhos	1 aluno
Chapeuzinho Vermelho	1 aluno
Turma da Mônica	18 alunos
Turma Jovem	4 alunos
Garfield	1 aluno
Menino Maluquinho	1 aluno
The Amazing	1 aluno
X Men	1 aluno
X Force	1 aluno
Spider Man	1 aluno
Wolverine	1 aluno
The Incredible Hulk	1 aluno
Iron Man	1 aluno
Naruto	1 aluno

6° B

COMO FOI SEU PRIMEIRO CONTATO COM A LEITURA? QUAL FOI SEU PRIMEIRO

LIVRO?	
Histórias dos Meleguedos	1 aluno
Placa de rua e placas na creche	1 aluno
Cinderela	1 aluno
Diário de um Banana	4 alunos
O Palhaço Pipoquinha	1 aluno
A Bíblia dos Amiguinhos	1 aluno
Naruto	1 aluno
Dom Quixote	1 aluno
Caçador de Pipas	1 aluno
Bibi Corta o Cabelo	1 aluno
Pinóquio	1 aluno
O Surfista e o Sertão	1 aluno
A Porta Para o Seu Futuro	1 aluno
Turma da Mônica	2 alunos
Jesus é Nosso Amigo	1 aluno
Um Mundo Todo Azul	1 aluno
A Garota Borracheira	1 aluno
Meu Pai Sabe Voar	1 aluno
A Culpa é das Estrelas	1 aluno
A Menina que Roubava Livros	1 aluno
O Mestre da Sensibilidade	1 aluno
Crepúsculo	1 aluno

O QUE VOCÊ ESTÁ LENDO NO MOMENTO?	
Alice no País das Maravilhas	1 aluno
Os Doze Trabalhos de Hércules	1 aluno
Técnicas de Hemorização	1 aluno
As Memórias de Jatobá Club	1 aluno
Diário de um Banana	7 alunos
O Arqueólogo do Futuro	1 aluno
1808	1 aluno
Dragon Ball Z	1 aluno
Uma Aventura no Mar	1 aluno
O Surfista e o Sertão	1 aluno
A Porta Para o Seu Futuro	1 aluno
Mônica e o Castelo Aterrorizante	1 aluno
Por um Beijo	1 aluno
O Espelho de Alice	1 aluno
A Culpa é das Estrelas	1 aluno
Bíblia	1 aluno
Papai não é Perfeito	1 aluno
Livro de Gêneses	1 aluno
Amanhecer	1 aluno

O QUE VOCÊ GOSTA DE LER	
Diário de um Banana	6 alunos
Diário de um Garota Nada Popular	1 aluno
Amanhecer	1 aluno
Humor	1 aluno

Bíblia	1 aluno
Terror	1 alunos
Gibi (não especificado)	10 alunos
Ação (não especificado)	3 alunos
Luta	1 aluno
Comédia	1 aluno
Romance	2 alunos
Aventura	2 alunos
Harry Potter	1 aluno
Revistas (não especificado)	1 aluno

VOCÊ CONHECE A SÉRIE DE LIVROS “DIÁRIO DE UM BANANA”? SE SIM, QUAL VOLUME DA SÉRIE QUE VOCÊ MAIS GOSTA E QUAL O MOTIVO DA ESCOLHA?

Volume 1	Volume 2	Volume 3	Volume 4	Volume 5	Volume 6	Volume 7	Volume 8	Volume 9	Todos
6	5		2	1	1	1			

AO LER UM LIVRO, O QUE LHE CHAMA MAIS ATENÇÃO: OS PERSONAGENS, O HUMOR, A HISTÓRIA, A LINGUAGEM, AS IMAGENS OU OUTROS?

Humor	Personagens	História	Linguagem	Imagens	Outros	Todos
9	10	9	1	5	1	

VOCÊ GOSTAR DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS? SE JÁ LEU, QUAIS FORAM?

Deadpool	1 aluno
Fantomeso	1 aluno
Turma da Mônica	21 alunos
Agente X	1 aluno
Os Poderosos Vingadores	1 aluno
Batman	1 aluno
Homem Aranha	1 aluno
Turma Jovem	5 alunos

ANEXO 4 – LISTA DE LIVROS PELOS LEITORES/INTERNAUTAS

Títulos Sugeridos / Quantidade de Vezes

Harry Potter	33 vezes
Percy Jackson	32 vezes
Como Eu Era Antes de Você	19 vezes
Jogos Vorazes	15 vezes
Orgulho e Preconceito	14 vezes
Instrumentos Mortais	9 vezes
A Seleção	9 vezes
A Culpa é das Estrelas	8 vezes
A Menina que Roubava Livros	5 vezes
Dom Casmurro	6 vezes
Emma	5 vezes
Maze Runner	5 vezes
A Rainha Vermelha	5 vezes
O Retrato de Dorian Grey Inferno	4 vezes
Game Of Thrones	4 vezes
Belo Desastre	4 vezes
Hamlet	4 vezes
Divergente	4 vezes
Cidades de Papel	4 vezes
Inferno	3 vezes
Fallen	3 vezes
Persuasão	3 vezes
Crepúsculo	3 vezes
O Código da Vinci	3 vezes
50 Tons de Cinza	3 vezes
O Morro dos Ventos Uivantes	3 vezes
Cem Anos de Solidão	3 vezes
Série Hush Hush	3 vezes
O Pequeno Príncipe	3 vezes
Senhora	3 vezes

As Crônicas de Nárnia	3 vezes
Quem é Você, Alasca?	3 vezes
Razão e Sensibilidade	2 vezes
Dama da Meia Noite	2 vezes
Série Starters	2 vezes
O Grande Gatsby	2 vezes
Grandes Sertões Veredas	2 vezes
Sherlock Holmes	2 vezes
O Diário de Anne Frank	2 vezes
A Última Música	2 vezes
Por Lugares Incríveis	2 vezes
Trono de Vidro	2 vezes
O Cortiço	2 vezes
Amor e Perdição	2 vezes
A Moreninha	2 vezes
Til	2 vezes
A Maldição do Tigre	2 vezes
O Velho e o Mar	2 vezes
Jane Eyre	2 vezes
São Bernardos	2 vezes
Alice no País das Maravilhas	2 vezes
Drácula	2 vezes
Fazendo Meu Filme	2 vezes
O Guia do Mochileiro das Galáxias	1 vez
Nenhum Olhar	1 vez
Querido John	1 vez
Diário de uma Paixão	1 vez
O Orfanato da Srta. Pelegrine para Crianças Peculiares	1 vez
Todos os Garotos que Já Amei	1 vez
O Amante de Lady Chatterley	1 vez
A Ilha do Tesouro	1 vez
Minha vida de Menina	1 vez

Morte Súbita	1 vez
Beleza Perdida	1 vez
Namorado de Aluguel	1 vez
A Casa do Penhasco	1 vez
Anjo Mecânico	1 vez
Gone – O Mundo Termina Aqui	1 vez
A Queda dos Reinos	1 vez
Não Pare!	1 vez
Diário de um Mago	1 vez
Casamento Blindado	1 vez
Paper Princess	1 vez
Canibalismo de Outuno	1 vez
Uma Chama Entre as Cinzas	1 vez
Depois de Você	1 vez
Mar de Tranquilidade	1 vez
Diário de um Banana	1 vez
Volta ao Mundo em 80 Dias	1 vez
A Morte de Virgílio	1 vez
Os Crimes de Mosaico	1 vez
A Cabana	1 vez
O Médico e o Monstro	1 vez
Os Mais	1 vez
Anjos e Demônios	1 vez
O Hobbit	1 vez
Quincas Bordas	1 vez
O Caçador de Pipas	1 vez
Memórias Postulas de Brás Cubas	1 vez
Para Sempre	1 vez
Cinco Minutos	1 vez
Contos de Natal	1 vez
Grandes Esperanças	1 vez
A Cidadela	1 vez
O Conde de Monte Cristo	1 vez

A Tempestade	1 vez
Mansfiel Park	1 vez
A Abadia de Nothanger	1 vez
Fangirl	1 vez
As Viagens de Guliver	1 vez
A Mulher de Trinta Anos	1 vez
Mentirosos	1 vez
Um Amor Para Recordar	1 vez
Senhor dos Anéis	1 vez
A Viagem	1 vez
Caixa de Pássaros	1 vez
Dom Quixote	1 vez
As Crônicas do Matador do Rei	1 vez
Extraordinário	1 vez
O Segredo	1 vez
Fahrenheit 451	1 vez
Se Eu Ficar	1 vez
O Ladrão de Tempo	1 vez
Outlander	1 vez
O Auto da Compadecida	1 vez
Vidas Secas	1 vez
It: A Coisa	1 vez
1984	1 vez
Terras Sem Fim	1 vez
Mangás (Não especificado título)	1 vez
Trilogia Mistborn	1 vez
O Filho de Anansi	1 vez
A Arte de Escrever	1 vez
O Alienista	1 vez
A Mão e a Luva	1 vez
Perdido em Marte	1 vez
Romeu e Julieta	1 vez
Amada	1 vez

Os Lusíadas	1 vez
O Lado Bom da Vida	1 vez
Estilhaça-me	1 vez
Capitães de Areia	1 vez
O Crime do Padre Amaro	1 vez
Série Bloodlines	1 vez
Madame Bovary	1 vez
Eu Sou o Número Quatro	1 vez
Viagens a Minha Terra	1 vez
As Crônicas dos Kanes	1 vez
David Copperfield	1 vez
Marley e Eu	1 vez
Diário do Vampiro	1 vez
The House Of Night	1 vez
Cem Gramas de Centeio	1 vez
O Moleque Ricardo	1 vez
O Mágico de Oz	1 vez
Trilogia Ciclo da Herança	1 vez
A Metamorfose	1 vez
Se Houver Amanhã	1 vez
Fortaleza Digital	1 vez
Helena	1 vez
O Apanhador no Campo de Centeio	1 vez
A Quinta Onda	1 vez
Cartas Chilenas	1 vez
Iracema	1 vez
Eleanor e Park	1 vez
A Garota Exemplar	1 vez
Os Irmãos Karamazov	1 vez
Cidade do Sol	1 vez
O Deserto do Tártaros	1 vez
O Sol é Para Todos	1 vez
Fiquei com Seu Número	1 vez

O Príncipe dos Canalhas	1 vez
Uma Longa Jornada	1 vez
Não se Apega Não	1 vez
As Vantagens de Ser Invisível	1 vez
Tristão e Isolda	1 vez
Lady Susan	1 vez
As Provações de Apolo	1 vez
Simplesmente Acontece	1 vez

Autores Sugeridos / Quantidade de Vezes

Jane Austen	5 vezes
Dan Brown	2 vezes
Clarice Lispector	2 vezes
Balzac	1 vez
Nicholas Sparks	1 vez
Douglas Adams	1 vez
Agatha Christie	1 vez
Sidney Sheldon	1 vez
Fernando Veríssimo	1 vez
Charles Dickens	1 vez
Jorge Amado	1 vez
Tara Moss	1 vez
Moacyr Scliar	1 vez
Mário Quintana	1 vez
Manoel Bandeira	1 vez
Pedro Bloch	1 vez
Stephen King	1 vez
Shakespeare	1 vez